

## O ATENTADO: TENTANDO ENCONTRAR A HISTÓRIA NOS RELATOS DE UM ASSASSINATO QUE NÃO HOUEVE\*

Clifford Andrew Welch\*\*

### Resumo

O artigo examina as varias representações e memórias do momento quando o líder camponês Jôfre Corrêa Netto baleado em Santa Fé do Sul, São Paulo, durante um conflito de terras em 1959. São poucos minutos de história, mas a cobertura da imprensa foi alta. São analisadas diversas reportagens, relatórios de policia e outras autoridades, entrevistas com participantes, incluso a vítima, que lembrou o evento em maneiras diferente, dependendo em quem o entrevistou e quando foi entrevistado. O artigo utiliza a teoria do discurso e metodologia de história oral para encontrar a melhor versão da história.

### Palavras-chave

Luta pela terra; campesinato; história oral; Jôfre Corrêa Netto.

### Abstract

*The article examines various representations and memoirs of the moment when Jofre Correa Netto was shot in Santa Fé do Sul, São Paulo, during a land dispute in 1959. Although the shooting took less than a couple of minutes, press coverage was extensive. The article analyzes this press coverage, police and other official reports, and interviews with participants, including several with the victim, who recalls the event in different manners, depending on who interviewed him and when he was interviewed. The article utilized discourse theory and oral history methodology to arrive at the best version of the history.*

### Keywords

*Land struggle; peasantry; oral history; Jofre Corrêa Netto.*

## Introdução

Na quarta-feira, 5 de agosto de 1959, o líder camponês Jôfre Corrêa Neto estava prestes a viajar do município de Santa Fé do Sul à capital do estado de São Paulo, quando foi atingido no rosto por um tiro à queima roupa. Uma bala calibre 38 esraçalhou seus dentes antes de alojar-se na base da língua; outra bala atingiu a parte superior de sua perna quando ele virou-se para escapar de seu agressor. Na confusão, o atirador fugiu e espalhou-se o boato de que Jôfre tinha sido assassinado. Mas, o homem que muitos chamavam de “Capitão Jôfre” e os jornais apelidaram de “o Fidel do Sertão” não fora morto. Severamente ferido, ele foi levado a uma clínica local, onde esperou, aproximadamente, sete horas, antes que se iniciasse uma longa jornada até o Hospital das Clínicas de São Paulo, a uns 640 quilômetros ao sudeste. Logo que Jôfre chegou a São Paulo, militantes, líderes trabalhistas e políticos denunciaram a tentativa de homicídio e uma enchente de repórteres e simpatizantes foi visitá-lo no hospital. Jôfre, cujo nome e fotos dramáticas tinham se tornado, ultimamente, um destaque regular na mídia brasileira, deixara de se tornar um mártir por uma fração de milímetros.<sup>1</sup>

O estado de São Paulo é raramente associado a lutas de camponeses. Quando as pessoas ouvem o nome São Paulo, elas, comumente, o associam com a metrópole, a cidade global de São Paulo, com seu perfil de prédios altos, seus imensos parques industriais e seus severos contrastes sociais. Outros podem associar o nome às vastas fazendas de café que, uma vez, cobriram todo o estado. Hoje em dia, é o agronegócio da cana-de-açúcar e suas usinas de álcool que predomina como representativa do seu campo em geral. Em qualquer caso, são raras as pessoas que vão lembrar imagens de camponeses lutando para proteger seu território das ondas da modernização abusiva.

No entanto, a história de São Paulo é pontuada por disputas sobre o controle de terra. Até o início do século XX, conflitos com o povo indígena foram comuns quando as fronteiras de café se estendiam para dentro de seu território. Enquanto a ocupação capitalista expandiu, o valor da terra aumentou e os grileiros organizaram bandas de jagunços para expulsar os camponeses que, gradualmente, tivessem ocupados o mato com suas posses de subsistência, na tentativa de escapar à exploração da agricultura capitalista. Nas décadas mais recentes, os camponeses tornaram-se uma força dinâmica na disputa pelo controle do território brasileiro com a mobilização de milhares de famílias em organizações como o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST) e a *Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura* (CONTAG). Há aproximadamente quatro décadas, um grupo mais antigo de trabalhadores rurais pobres confrontou-se com um latifundiário e o Estado em terras no município de Santa Fé do Sul, na divisa de São Paulo com Mato Grosso. Segundo a maioria dos relatos, Jôfre Corrêa Neto era seu líder.

Os detalhes da organização e luta que Jôfre liderou merecem uma cobertura mais extensa do que um simples artigo pode proporcionar.<sup>2</sup> Clodomir Moraes, que foi o primeiro autor a oferecer uma síntese dos movimentos sociais rurais do Brasil, descreveu Jôfre como um dos “dois líderes camponeses autênticos de reputação nacional”, que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) podia contar em suas fileiras. E a imprensa, tanto a de corrente predominante quanto a militante, cobriu suas façanhas com regularidade de 1959 a 1964, um período de fermentação social sem precedentes no Brasil, que terminou com a expulsão do governo constitucional e a instituição de uma ditadura militar que durou mais que vinte anos.<sup>3</sup>

A reputação nacional de Jôfre começou em Santa Fé do Sul, quando ele se tornou o porta-voz de centenas de camponeses, entre eles um grupo maior de arrendatários, todos a fins de preservar sua ocupação na área. Depois de três anos de inquilinato, poucos arrendatários haviam conseguido uma colheita substancial, devido à seca e outras condições negativas. Mas, o latifundiário e seus agentes queriam tirá-los da terra para torná-la campo de pastagem de gado durante o inverno, uma invernação. O latifundiário e os sublocadores ordenavam aos ocupantes que extirpassem suas lavouras e plantassem capim. Quando eles resistiam, as tensões cresciam na região.

Jôfre, cuja origem da presença na área permanece obscura, parece ter, então, trabalhado para atrair considerável atenção da imprensa e da política para o conflito. Fotos dramáticas de Jôfre arrancando o capim colonial apareceram no jornal populista *Última Hora*, entre outros diários e revistas. Um cenário que se repetia, frequentemente, era ele, provocativamente, desafiando o proprietário a comer capim, questionando, rigorosamente, a justiça por forçar as pessoas a deixarem a terra, que as alimentava, para dar lugar à pastagem de gado de corte, cuja carne, por ser cara, eles, dificilmente, conseguiriam comer. Foi nesse contexto que Jôfre se tornou vítima das balas de um pistoleiro.

O incidente dos tiros é um dos mais dramáticos de uma série de acontecimentos surpreendentes que merece, cada um deles, um exame mais apurado. Porém, a elevada atenção causada pelo quase assassinato de Jôfre oferece uma oportunidade única para se estudar o problema distinto da reconstrução de um evento específico. Como o antropólogo Gerald Sider descobriu, ao analisar a história e comemoração da greve dos trabalhadores têxteis de 1912, em Lawrence, Massachusetts - EUA, a escrita histórica pode ser dirigida mais pela perspectiva dos historiadores e comentaristas do que pela evidência.<sup>4</sup> É justamente isso que fez o historiador Antônio Torres Montenegro quando utilizou três relatos escritos sobre as Ligas Camponesas antes de 1964 para “inserirmo-nos num campo de disputa” da “problemática da luta pela terra *hoje*”.<sup>5</sup> A história do atentado contra Jôfre foi representada de várias maneiras, muitas delas mais orientadas pelas necessida-

des do autor do que pelos fatos. Esta narrativa depende das ponderações cuidadosas de documentos e de fatos relembrados, muitos deles indisponíveis aos pesquisadores anteriores.<sup>6</sup>

Os problemas encontrados na documentação da tentativa de matar Jôfre revelam os desafios de se fazer uma história social rural numa nação em desenvolvimento como o Brasil. A análise dos problemas é importante aqui, dada a explosão de popularidade da arte, como observa o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, vendo como história oral tem se tornada ferramenta de pesquisa para uma multiplicidade de cientistas, todos dedicados a derrubar a história oficial da classe dominante.<sup>7</sup> Alguns desses problemas são compartilhados por todos os pesquisadores que confiam na história oral, ou qualquer outro tipo de registro, quanto a isso, já que quase todos os textos começam como fontes orais, como apontou o historiador e analista da técnica, o italiano Alessandro Portelli. Quanto mais se depende da memória dos informantes mais a explicação de um evento se altera em direção à lenda. “A memória manipula os detalhes factuais e a seqüência cronológica”, escreve Portelli. Para ele, essa manipulação produz uma nova ordem de detalhes “simbólico... psicológico... e formal”, que pode criar uma história imediatamente mais profunda e reveladora do que os relatos baseados somente em registros escritos. “A discrepância entre o fato e a memória acentuam, irrevogavelmente, o valor das fontes orais como documentos históricos”, escreveu Portelli, concluindo uma análise do atentado contra Luigi Trastulli, um trabalhador italiano morto pela polícia em 1949.<sup>8</sup>

Diferentemente de Trastulli, Jôfre sobreviveu para contar a história de sua própria morte, adicionando traçados interessantes à história, atenuando algumas de suas qualidades místicas e tornando complexo o tema, do bem versus o mal, tipicamente associado à luta dos pobres, da zona rural, pelo controle da terra. Acredito que essas complexidades revelam verdades sobre o Brasil e ajudam a demonstrar o valor e a utilidade das fontes misturadas e os modos de análises.

À medida que Jôfre existe na literatura histórica, ele veio a se tornar o símbolo do “lavrador líder autêntico” na descrição de Moraes, um defensor destemido do pobre da zona rural, que é do, pelo e para o povo. Essa imagem foi concretizada na maioria das explicações contemporâneas de seu atentado e a imagem poderia ter permanecido dessa forma não tivesse Jôfre sobrevivido para contar sua própria história. Em 1988, com uma simultaneidade misteriosa, vários pesquisadores independentes (inclusive eu) “descobriram” Jôfre vivo quando todos o davam como morto, já que nunca apareceu de novo na imprensa depois de ser encarcerado em 1973 por “atividades terroristas” pelo *Departamento Estadual de Ordem Polícia e Social do Estado de São Paulo* (DEOPS).<sup>9</sup>

Para mim, o reaparecimento repentino de Jôfre, em sua própria história, abalou o ícone deixado pelas fontes contemporâneas, bem como os tratamentos históricos que dependiam deles. Aí estava o Che Guevara, vamos dizer, pronto para uma entrevista ao vivo. A memória coletiva dessa história tinha sido preservada como uma memória histórica, mas agora, trinta anos depois, o sujeito emergiu surpreendentemente para participar na formação de sua própria história. Era quase demasiado para se tolerar e alguns daqueles que o tinham historicizado recusaram-se, naturalmente, a reconsiderar suas análises. Assobrado, eu desisti da história, apenas para, cautelosamente, abordá-la, novamente, uma década depois.

A historiadora Susan Crane desafiou, recentemente, os estudiosos a “escrever o retorno do indivíduo na memória coletiva”. O reaparecimento de Jôfre e sua participação ativa na história de sua vida é uma personificação literal desse desafio dela. A contribuição dele expande o discurso histórico e muda a forma como pensamos sobre o papel do camponês na história brasileira. Mas a memória pode ser falha e, como reconhece Crane, há um perigo de deixar “a subjetividade fugir ao controle”.<sup>10</sup> A memória de Jôfre adiciona a história, mas não é história. Nas múltiplas narrativas sobre o atentado de Jôfre que seguem, podemos encontrar o complemento de seu relato e de outros, das memórias coletiva e histórica, trazendo um discernimento estimulante para aqueles que usam a lenda do atentado contra Jôfre em sua luta para democratizar o Brasil.

#### *Os primeiros relatos do atentado*

A primeira narrativa do atentado vem do próprio Jôfre. Em 06 de agosto, a manhã seguinte ao atentado, um repórter não identificado do jornal *Última Hora* encontrou Jôfre no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e ajudou levá-lo ao Hospital das Clínicas. No caminho, Jôfre contou a história da suposta tentativa de homicídio contra sua vida, o “atentado”. Esse termo legal (significando “ato criminoso”, de um lado, e uma “tentativa de assassinato”, de outro), rapidamente, tornou-se a palavra de referência mais usada para descrever o incidente. Apesar das admitidas dificuldades de comunicação com Jôfre, devido ao ferimento em sua boca, o repórter parafraseou Jôfre quando recontou que os homens armados (jagunços) de vários latifundiários vinham, há longo tempo, perseguindo-o, especialmente, “um conhecido apenas por ‘Silva’, elemento perigoso e temido na região por ser autor de vários crimes bárbaros”.<sup>11</sup>

Daqui em diante, a história tomou a forma de uma longa citação, interrompida por lembranças ocasionais do contexto da entrevista, enfatizando, principalmente, o papel do jornal em acompanhar o Jôfre até o hospital. Dada sua importância como primeira versão, aqui está reproduzido o depoimento inteiro:

Esse indivíduo [“Silva”] capanga de Zico Diniz [José de Carvalho Diniz, o pecuarista acusado do tormento dos camponeses da região] - disse Jôfre - pernoitou em Santa Fé do Sul para me matar. Ganhou um pacote de notas de mil para levar avante o atentado.

- Era meio-dia de ontem quando eu ia dirigir-me à estação para vir a São Paulo, a fim de participar da concentração contra a carestia. Desde as 9 horas percebi que ‘Silva’ me seguia para pôr fim à minha vida. Sempre desarmado, alertei meus companheiros e amigos das intenções do jagunço.

- Pretendia tomar o ônibus para ir à Estação. Mas diante da insistência de um conhecido meu amigo Antonio Pinto da Silva e eu entramos no automóvel que nos esperava, de propriedade desse conhecido. Estávamos na parte traseira.

- ‘Silva’, então - continua acercou-se do carro como se nada pretendesse. De repente, antes que o auto arrancasse para fugirmos ao atentado, ‘Silva’ puxou do revolver e gritou:

- Você vai morrer aí mesmo.

E, apontou a arma em direção a meu peito. Abaixei-me e ele disparou rápido, atingindo-me na boca. Antonio Pinto saiu pela porta oposta como um raio e eu o segui, tomando mais um balaço pelas costas, ‘Silva’, então, disparou mais uma vez contra mim, errando o tiro. O jagunço voltou-se logo contra meu amigo, atirando duas vezes sem acertar. Estabeleceu-se confusão e consegui refugiar-me na casa próxima. ‘Silva’ então fugiu.

Daqui, houve uma interrupção prolongada no depoimento. Ora, o repórter relata as observações de dois “agricultores” que acompanharam Jôfre até a capital, Antonio Pinto e Benedito Miler [mas tarde, identificado pelo sobrenome Mille]. Quando a notícia “do atentado” se espalhou, Pinto relatou à reportagem, “correu o boato, em toda a região, que Jôfre fôra assassinado por jagunços”. Muitos simpatizantes foram até a clínica onde o Jôfre foi levado para pronto socorro. Falou Pinto,

- Eram centenas de lavradores, irados com as injustiças praticadas no sertão, que desejavam fazer justiça pelas próprias mãos.

Foi o próprio Jôfre que conseguiu restaurar a calma da massa unida em revolta frente a clínica. Levantou-se de sua cama de campanha para acalmá-los, disse Pinto ao *Última Hora*, e a maioria retornou para suas lavouras.

Na clínica, Jôfre não se sentiu seguro ou bem atendido. Ninguém tinha condições de remover a bala de sua boca e correu o rumor de que sua vida estava, ainda, em perigo, que outro pistoleiro tinha tentado completar o serviço que “Silva” tinha estragado. Agora, Jôfre voltou a narrar os eventos na reportagem: - *Já recebemos comunicação de que não só ‘Silva’ mas outros jagunços receberam a missão de matar-me. É esta a segunda tentativa. Na terceira, dizem eles, o ‘serviço’ será completo.*

Por isso, alguns companheiros permaneceram para ficar de olho aberto, enquanto estavam sendo feitos os arranjos para o transporte. No dia seguinte, por volta das 7 horas, um avião chegou para levar Jôfre, Pinto e Miler embora. A última citação da entrevista foi aqui inserida na narrativa:

- Nossa Associação de Lavradores, apenas porque defende os direitos dos plantadores e cultivadores de terras, está sempre sob a mira dos prepotentes. Sua opressão chegou ao máximo e os lavradores estão a ponto de explodir em revolta.

A manchete na primeira página atraiu os leitores para a história: “LIDER LAVRADOR (FUZILADO) SOBREVIVE! EXCLUSIVO!” Numa grande foto abaixo da manchete, um desgredado, mas confiante Jôfre, olha para a câmera enquanto dois homens, cada um segurando-o debaixo do braço, ajudam-no a caminhar. Dentro do jornal, a manchete é repetida, dessa vez com o subtítulo curto que dizia: “Jagunços não conseguiram eliminar o ‘Fidel Castro’ do sertão”. O subtítulo lembra, em parte, o resumo da história que acompanhou a foto na primeira página, “Visado pelo ódio virulento do latifúndio, o ‘Fidel Castro’ do sertão, que se constituiu em líder combativo dos interesses dos pequenos lavradores de Santa Fé do Sul, enfrentando corajosamente a cobiça, a prepotência e a ira dos poderosos do campo, foi pela segunda vez alvo de brutal atentado por parte de um jagunço pago pelos latifundiários”.

No curso dos próximos dez dias, o *Última Hora* cobriu a história quase todos os dias, enfatizando o resolutivo comprometimento de Jôfre com a luta dos camponeses e contribuindo para pressionar as autoridades a resolver o sofrimento dos seguidores de Jôfre. Nessa série de artigos claramente simpatizantes, a identidade de Jôfre como um destemido defensor do pobre rural e vítima de homens inescrupulosos, empregados de repreensíveis latifundiários, teve efeito de uma clareza bíblica, um Davi ferido em sua batalha contra Golias.<sup>12</sup>

Uma pequena notícia sobre o ataque em 07 de agosto confirmou, num jornal mais renomado e conservador, O Estado de S. Paulo, o esqueleto das amplas descrições da narrativa de Jôfre, sem nomear o assaltante.<sup>13</sup> Sob o título “Dirigente rural baleado por jagunço”, o Estadão relatou que “o lavrador Jôfre Correia Neto, dirigente de um grupo de trabalhadores rurais”, tinha sido internado no Hospital das Clínicas depois de ser “baleado por um jagunço do fazendeiro Zico Diniz”, pouco antes de partir para São Paulo para “tratar de interesses de seus companheiros”. Ao invés de chamar Jôfre de o “Fidel Castro do Sertão”, o Estadão refere-se a ele como “capitão” (entre aspas - a saudação preferida de Jôfre), descrevendo-o como o chefe de um movimento de “um numeroso grupo de ‘posseiros’ aos grandes proprietários da região”. Nessa versão, dizia-se que “o líder camponês se encontrava no automóvel que o levaria a São José do Rio Preto” quando

“o jagunço se aproximou e desferiu dois tiros no interior do veículo, atingindo Jofre na região bucal e na coxa”. Também relata que as duas balas foram removidas no dia anterior pelos médicos do Hospital das Clínicas. O artigo acrescenta a história de uma estadia de uma noite em São José do Rio Preto, onde ele foi “medicado”, antes de voar para São Paulo, na manhã de 06 de agosto. Mas, disse que o “criminoso” atirou mais vezes sem acertar o Jôfre e “escapou, sendo entretanto reconhecido por alguns dos companheiros da vítima”. Apesar do trecho breve, a história não apenas acrescenta novos detalhes, que levantam dúvidas para o atento leitor, mas fortalece alguns aspectos-chaves da narrativa do Última Hora, especialmente no sentido de que um porta-voz dos pobres tinha sido vítima de atrasados proprietários poderosos da região.

A correspondência entre essas duas histórias revela bastante sobre a época. A referência a Fidel Castro faz-nos lembrar como uma pequena força revolucionária, baseado na zona rural, tinha acabado de tomar o poder, naquele janeiro, em Cuba. O *Última Hora* presumiu, evidentemente, que os leitores seriam atraídos para a sugestão de que o Brasil tinha seu próprio Fidel. O *Última Hora* tinha sido fundado nos anos de 1950 e seu editor-proprietário, Samuel Wainer, era um jornalista brigão, que devia muito do sucesso de seu jornal a uma aliança com o antigo ditador e presidente Getúlio Vargas (morto em 1954) e seu PTB - Partido Trabalhista Brasileiro. Em acentuado contraste, *O Estado de S. Paulo*, fundado no século XIX, pertenceu ao Júlio de Mesquita Filho, que teve raízes fortes na facção dos agricultores capitalistas da classe predominante. Mesmo assim, o *Estado* conferia credibilidade à história de vitimização e capacidade de recuperação do Capitão Jôfre.

Não apenas Jôfre, mas os “líderes camponeses”, nacional e internacionalmente, tinham se tornado atores no palco da história no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960. Cuba é um caso apropriado, Vietnam outro, e, agora, outro estava no Nordeste do Brasil, onde, em 1959, acreditava-se que as “Ligas Camponesas”, lideradas pelo advogado e político Francisco Julião, ganhavam a expropriação e a distribuição das terras de um antigo engenho de açúcar.<sup>14</sup> No contexto da Guerra Fria, os camponeses mobilizaram-se para serem ouvidos por todo o mundo, com os comunistas assumindo sua causa e os capitalistas esboçando seus projetos de reforma para abafar sua ira. Dessa forma, havia uma convergência de interesses no assunto, caracterizada por uma concordância geral sobre as fontes do descontentamento do camponês (por exemplo, exploração pelos proprietários ruins) e a aguda divergência nas soluções (por exemplo, expropriação de propriedade mantida pelos investidores estrangeiros e seus aliados versus melhorias nas pesquisas agrícolas e políticas de câmbio). Essas circunstâncias aumentaram a atenção da mídia para a causa de Jôfre.<sup>15</sup>



Talvez devido às edições anteriores do *Estado de S. Paulo* terem sido mais acessíveis que os do diário *Última Hora*, o curto artigo do *Estadão* tinha servido mais aos analistas como uma fonte primária principal que a própria narrativa de Jôfre, que não tivesse sido uma parte de qualquer outro estudo. Como se pode notar acima, a reportagem do *Estado* manteve as características essenciais do noticiário sobre Jôfre do *Última Hora*. Em ambas as histórias, o atirador foi apresentado como um pistoleiro contratado pelo fazendeiro Zico Diniz para atacar Jôfre, um líder popular de um movimento camponês. Embora tanto os relatos atuais quanto os mais anteriores do atentado - incluindo as próprias lembranças de Jôfre - negassem a veracidade dessa simples versão, essa história em branco e preto do bem contra o mal, do heroísmo de um humilde contra a covardia do poderoso, resistiu como o relato mais convincente do evento.

*O tiro: Relatos novos*

A objetividade dos relatos contemporâneos do tiro começou a desvanecer imediatamente. Curiosamente, o nevoeiro encobriu o que parecia ter sido a menos variável das questões: a natureza dos ferimentos de Jôfre. Todas as fontes concordavam que uma bala tinha atingido-o na boca e se alojado ali. Questões surgiram sobre um segundo e um terceiro ferimentos e a cirurgia para remover as balas. Logo depois do atentado, Jôfre falou apenas sobre a bala na sua boca, mas *O Estado de S. Paulo* relatou que uma segunda bala fora removida de sua coxa no dia seguinte ao acontecimento. Naquele mesmo dia, o *Última Hora* apresentou o relato de uma testemunha ocular de que Jôfre tinha recebido um tiro em sua coxa (“na região ilíaca”) e que a operação estava ainda para acontecer. De fato, ainda em 15 de agosto, o *Última Hora* noticiou que:

Jôfre recupera as forças no Hospital das Clínicas, preparando-se para uma intervenção cirúrgica. Conforme noticiamos, o ‘Fidel Castro’ sertanejo foi baleado por um dos capangas de Zico Diniz, latifundiário que quer expulsar cerca de oitocentas famílias de suas terras, a fim de transformá-la em pasto. Jôfre está com três balaços no corpo. Um na garganta e os outros nas nádegas.

Assim, o jornal sugeriu não apenas novos alvos, mas a idéia de que nenhuma bala tinha sido, ainda, removida de seu corpo. Muitos anos mais tarde, o próprio Jôfre me contou a mesma coisa que já tinha dito ao Nazareth dos Reis, um mestrando em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Segundo o próprio Jôfre, ele tinha sido baleado na virilha e que uma bala permanecia alojada em sua boca, prejudicando-lhe falar claramente. A partir das perspectivas políticas e históricas, se Jôfre foi atingido na coxa ou nas nádegas pouco importa. Mas, a falta de objetividade num tal assunto concreto

levanta questões fundamentais sobre a confiabilidade das explicações apresentadas pela imprensa em domínios mais abstratos, tais como quem ou o que deveria ser responsável pelo crime.<sup>16</sup>

Outras questões interessantes foram levantadas por Benedito Barbosa Mille, um pedreiro (não um agricultor, como o *UH* tinha originalmente noticiado), que acompanhou o ferido Jôfre a São Paulo e descreveu-se como uma testemunha ocular do atentado. O *Última Hora* publicou em um bloco seu relato no dia 07 de agosto, dois dias depois do incidente.<sup>17</sup>

Eu estava trabalhando a poucos metros do local, tendo observado à distancia, as cenas - disse ele, acrescentando: Mas, a história toda, com seus antecedentes, foi o próprio Jôfre que me contou com o testemunho de Antonio Pinto, também vítima da sanha do jagunço 'Silva'. Esse mesmo indivíduo, uns dias antes, havia levado o meu amigo a uma cilada, deixando-o à mercê de 10 homens sanguinários. Jôfre, contudo, dessa conseguiu escapar, com o que deixou o tal 'Silva' em má situação. Quarta-feira, por volta de 11 horas e 30 minutos, Jofrinho chegou a Santa Fé com a intenção de se dirigir a São Paulo, em companhia de Antonio Pinto, onde deveria participar da concentração contra a carestia, no próximo dia 7, representando a Associação dos Lavradores de Santa Fé do Sul, que preside. Ali, encontrou-se com o assassino, que lhe pediu não o inculpasse pelo sucedido anteriormente. 'Sou seu amigo, Jôfre' - disse ele. - 'Quando o levei à fazenda, não sabia que eles pretendiam matá-lo'. Depois dessas palavras, devolveu ao meu amigo 500 cruzeiros referentes a uma dívida entre os dois e convidou-o a ir até a estação em seu carro. Jôfre tentou recusar, mas acabou aceitando a carona. Antes de chegar à estação da estrada de ferro, 'Silva' parou o veículo defronte a um bar, convidando os que estavam em sua companhia a tomar uma cachaça. Como estava próxima a hora do trem passar, Jôfre recusou. Vendo que seria inútil levá-lo, 'Silva' sacou do revólver e, a menos de um metro de distância, disparou contra o rosto do lavrador, atingindo-o bem dentro da boca.

Fugindo à ameaça de outro disparo, Jofre abriu a porta do carro, lado direito. Mas, antes que saísse do alcance da arma, levou outro tiro, na região ilíaca. O assassino saiu em sua perseguição; contudo, seu amigo descobriu Antonio Pinto nas proximidades, e chamou-o para dar cabo também do companheiro de Jofre, que em ziguezague, aproveitando-se da distração, conseguiu entrar numa residência. Antonio Pinto conseguiu também fugir. Banhado em sangue, Jôfre Correia foi levado ao Hospital, numa charrete.

As pessoas que se inteiraram da agressão - prossegue o sr. Benedito Mille - trataram logo de procurar a Polícia, a fim de conseguir proteção para Jôfre, uma vez que vários jagunços ameaçavam invadir o Hospital para 'acabar o serviço'. A Delegacia estava deserta, como se os policiais soubessem previamente do que iria suceder. Mais tarde, umas três horas depois do crime, apareceram dois 'praças' dispostos a iniciar a busca dos assassinos. Segundo fui informado, os soldados saíram para o lado oposto a que 'Silva' e o companheiro se dirigiram. Estes ainda se encontraram, devidamente protegidos, na casa do administrador de Zico Diniz [...].

Impressa como palavras ditas por Mille, a história difere de maneira significativa do relato claro de Jôfre sobre o ocorrido. Por um lado, a forma de contar é bastante diferente. Enquanto Jôfre é apresentado contando uma história linear em parágrafos curtos, usando sentenças simples e informativas, a massa da declaração de Mille é condensada em um parágrafo de sentenças complexas e inclui dois *flashbacks* significativos. Ela contém, também, vários elementos novos, incluindo um sentido, inteiramente novo, de um relacionamento estabelecido entre o atirador e a vítima. Mille se oferece como uma testemunha de primeira mão, contudo supera o que ele pudesse ter realmente visto ao enfatizar as perspectivas de outros de “como foi dito”.

A alegação de Mille sobre o envolvimento do “administrador” de Diniz, ao invés do próprio Diniz, recebeu uma corroboração num artigo de 1º de setembro no *Estado de S. Paulo*. Perto do fim dessa longa e indefinida reportagem sobre a disputa de terra em Santa Fé, o *Estado* noticiou que o emissário do governador do estado tinha avisado aos administradores-arrendatários de Diniz que não seria mais tolerada violência contra os camponeses. De acordo com o artigo, os administradores eram Joaquim Nogueira e José Lira Marin, especialmente o primeiro que se envolveu com o desmatamento da área desde 1953, em um momento queimando as casas dos posseiros para expulsá-los. Foram eles que “subarrendaram a área sob seu controle a um total (segundo eles próprios) de 480 famílias, cada uma [com] pequenos lotes de 1 a 6 alqueires”. Foram Nogueira e Marin que estavam “acusados como mandantes do atentado contra o lavrador Jôfre [...]”. Eles tinham contratado com Diniz desbravar 16.000 hectares da terra bruta, prometendo torná-las pastagem para gado.<sup>18</sup>

Enquanto Diniz sustentava não saber nada sobre os métodos deles, Nogueira era um desbravador de terra bem conhecido, cujo método era sublocar a terra para indivíduos e famílias de lavradores. Trabalhando com base em contratos verbais de um a três anos, esses camponeses derrubavam árvores, limpavam as moitas cerradas, aravam a terra e plantavam as lavouras. Eles não recebiam pagamento, mas o uso temporário da terra e qualquer pequeno proveito da venda que suas colheitas produziam. Jôfre tinha se tornado o líder desses arrendatários secundários, quando Nogueira passou a botá-los para fora da terra antes que suas colheitas se realizassem.

Assim, no espaço de duas semanas do atentado, poucos aspectos do evento pareciam tão sólidos quanto eram quando a narrativa de Jôfre foi noticiada inicialmente no *Última Hora*. Quase tudo sobre o evento, de onde ele foi atingido e quantos tiros foram disparados, a quem e o que foi responsável pelo crime, estava já em dúvida. Embora o relato original de Jôfre, de natureza linear e objetiva, sugerisse que o repórter tomou liberdades em parafrasear seus comentários, ele permanece como narrativa seminal para esta análise.

A versão de Mille é baseada, em parte, no que Jôfre lhe contou, histórias que ele, aparentemente, escolheu não contar ao repórter do *Última Hora*. Porque a história de Mille foi, de alguma forma, estruturada pelos discernimentos de Jôfre, não devia nos surpreender que ela se constrói sobre a narrativa de Jôfre associando Silva com Zico Diniz, confirmando-o como o pistoleiro, e relatando a intenção de Jôfre ir para São Paulo de trem. Jôfre é, ainda, retratado como um líder camponês atacado por um latifundiário bandido. Mas, as diferenças entre os relatos de Jôfre e Mille - idéias divergentes sobre quem era Silva, o que aconteceu naquele dia e por que atiraram em Jôfre - torna difícil, para nós, aceitar a história de Jôfre sem maior análise. Um historiador cuidadoso teria que provar essas diferenças antes de tirar conclusões sobre o acontecimento.

### *Memórias de amigos e inimigos*

Dada uma concordância universal sobre o nome do assassino, torna-se uma surpresa encontrar tantas informações conflituosas sobre sua identidade. A narrativa inicial de Jôfre deixa pouca dúvida que ele sabia de Silva, mas as observações de Mille acrescentam a noção de que os dois homens tinham um relacionamento. A partir do momento em que Jôfre evocou Silva como “capanga de Zico Diniz”, parece improvável que ele, alguma vez, confiaria nele. E, no entanto, no relato mais complicado de Mille, fala-se de Jôfre ter emprestado a Silva, pelo menos, Cr\$ 500 e ter aceitado duas malfadadas caronas para ciladas, uma após a outra. Então, quem era esse pistoleiro?

Os registros da polícia dão o nome real de “Silva” como Sinésio Silva, sem o “da” que quase sempre acompanha o sobrenome Silva, e o apelido de “Silva Preto”. Descrito por todos como “preto” ou “Negro,” ele veio para Santa Fé do estado nordeste da Bahia, uma área destacada de população afro-brasileira, e a origem de muitos novos emigrantes para as regiões de frente agrícola do estado de São Paulo. Ele pode ter sido pequeno em estatura, pois várias fontes colocam o diminutivo “inho” em seu nome e acrescentam-no a outras palavras usadas para descrevê-lo, tais como “baianinho” e “negrinho”. É, também, bastante provável que o diminutivo tivesse menos a ver com sua estatura do que seu *status* na cultura brasileira. Como em muitas culturas, o diminutivo pode conotar afeto, mas é duvidoso que esse foi seu único significado em Santa Fé. Tendo um apelido como “negrinho esperto”, numa sociedade onde o racismo é sempre presente e, continuamente, negado, isso sugere que Silva encaixava-se nos transigentes estereótipos racistas. O fato de que tantos de seus apelidos enfatizam sua cor sugere, também, que essa era uma característica distinta em Santa Fé do Sul e que, como um descendente de escravos afro-brasileiros, que a classe patronal esperava dele um comportamento deferencial.<sup>19</sup>

Não se sabe com certeza quando, por que e como Silva Preto veio para Santa Fé do Sul. Inicialmente, Jôfre afirmou que Silva era um “jagunço”. Mas, com suas observações sobre dinheiro emprestado, episódios de bebida, e compartilhar percurso de carro, o depoimento de Mille lançou bastante dúvida sobre a relação entre o pistoleiro e sua vítima. Em sua memória de 1997, Jôfre abandonou sua versão originária e reforçou aspectos da versão do Mille.<sup>20</sup> Respondendo a uma questão sobre a possibilidade de motivos políticos para o atentado, o Jôfre me falou:

Quem arrumou isso [o atentado], estou lhe dizendo, sei de fonte limpa, foi buscar o cara na Bahia, sei tudo direitinho e todo mundo sabe, foi Joaquim Nogueira [...]. E como eu era mascate, o cara apareceu como mascate vendendo coisas para vim se infiltrar comigo para eu ensinar as zonas do comercio.

Neste contexto, ele alegou que Silva foi contratado e trazido para a área não pelo Diniz, mas pelo Nogueira. Invés de ser um conhecido matador, Silva Preto era como o próprio Jôfre, um vendedor ambulante. Esses são os dois temas principais da resposta. O primeiro, Jôfre dá para entender que ficou sabendo depois do evento “de fonte limpa”, assim aumentando sua credibilidade como documento histórico para o ouvinte. O segundo é algo que Jôfre sabia de primeira mão, da época, e assim sendo, é algo que ele escondeu até 40 anos depois do evento. Neste contexto, tentando explicar as contradições das versões, Jôfre confirmou seu curioso relacionamento com o pistoleiro, indicando que Silva Preto foi uma espécie de agente secreto, enviado para espiar no movimento camponês e intimidar ou matar seu líder.

Entrevistado em 1987 por Reis, a memória de Joaquim Nogueira sobre o evento empresta ainda mais veracidade à história de Mille. Ele descreve Silva não como um pistoleiro, mas como “um sujeito até muito bem educado; sujeito muito bonzinho, que andava mascateando, um baianinho”. Silva vendia mercadorias para os camponeses subarrendatários na terra disputada e Nogueira sustenta tê-lo encontrado ele lá. Finalmente, um testemunho importante vem de José Correia de Lira, um dos homens braço-direito de Jôfre em Santa Fé. Lira disse que ele conhecia Silva, que Silva morava na cidade, vendia mercadorias no campo e tinha relações de amizade com os membros do grupo de camponeses rebelados. “Ele andava assim com a gente: ‘Ah! Estou do lado do Capitão! Tô do lado de vocês!’”. Entrevistado vinte anos depois do acontecimento, o tom de Lira era de desdém para com Silva. Para Lira, o ataque de Silva a Jôfre provou que ele era um espião da polícia. “A polícia andava abraçado com Silva!” disse Lira. Somando-se ao mistério, Silva desapareceu depois do crime, ainda que, o Lira, em seu depoimento de 1987, sustentasse saber que ele tinha recebido terras na Bahia do tenente de Nogueira, o João Cotrim, em pagamento ao atentado.<sup>21</sup>

Embora a identidade de Silva permaneça obscura, ela era, claramente, mais complexa do que aquela apresentada por Jôfre no dia seguinte ao atentado. A coisa surpreendente é que a literatura secundária do acontecimento ignora esse assunto ou apresenta uma versão simples, muito parecida com o relato original de Jôfre. Vera Chaia, cuja dissertação de mestrado de 1980, orientada pelo sociólogo José de Souza Martins, examina o conflito em Santa Fé, escreveu que Jôfre sofreu tiro duas vezes por “um jagunço”, provavelmente um entre vários “marginais que eram contratados [pelo Diniz] para emergências”. Luiz Noboru Muramatsu, outro estudante de mestrado da Universidade de São Paulo, escreveu, em 1984, que “um jagunço a mando de Zico Diniz [...] tentou matar Jôfre”. Em 1988, o *Jornal de Santa Fé* publicou uma história revisitando o conflito da terra, recordando que “Jôfre sofreu um atentado a bala. [...] praticado por um jagunço de Zico Diniz”. Somente Reis explorou a idéia, primeiramente revelada por Mille, de que Silva tinha trabalhado para Nogueira. “Quem atirou, todos sabiam”, escreveu Reis, “foi ‘Silva Preto’, um baianinho que andava mascateando ali pelo Bosque. Era muito amigo do Sr. Nogueira”. Para garantir este último ponto, o próprio Nogueira é citado dizendo: “Num era jagunço de jeito nenhum. Um sujeito muito bem educado; sujeito muito bonzinho, assim. Eu achava ele bom. Isso de jagunço, não. Isso aí foi conversa!” Entretanto, a familiaridade de Nogueira com Silva, e o próprio papel de Nogueira como uma pessoa diretamente responsável pelo beneficiamento da terra de Diniz, empresta credibilidade ao argumento de que *se* Silva fosse um pistoleiro contratado, ele não seria um homem de Diniz, mas de Nogueira. Mais que isso, ele não seria um escudeiro de lorde feudal, como foi visto o latifundiário, mas um assassino contratado por um capitalista.<sup>22</sup>

Os eventos daquele dia causaram ainda mais questionamentos sobre a identidade de Silva como assassino profissional. Se ele fosse um matador profissional, como Jôfre invocou e a maioria dos relatos secundários concluiu, ele não seria um muito bom, nem desafortunado. Ter atirado num homem, com um.38, duas ou três vezes de uma distância próxima, atingindo-o na face sem matar a vítima, parece um resultado altamente improvável para alguém com uma reputação de cometer “crimes bárbaros”, como foi representado pelo *Última Hora*. De acordo com a história original de Jôfre, apenas suas manobras rápidas salvaram-no de ser morto. A história de Mille é similar, embora a ação evasiva de Jôfre é mesmo mais fabulosa quando se considera que Silva foi suposto de estar exatamente no carro com Jôfre quando ele começou a atirar com sua arma. Essas histórias dependem muito da crença do ouvinte nos milagres e justiça transcendente.

Outra versão da época faz referência, especificamente, à qualidade miraculosa da sobrevivência de Jôfre. Foi um poema, de 1961, escrito por outro homem braço-direito de Jôfre, o notável Olímpio Pereira Machado. Publicado na *Revista Brasiliense*, um

periódico de esquerda editado pelo renomado historiador Caio Prado Jr., o “Poema da Terra” era uma balada épica de umas dez páginas de comprimento.<sup>23</sup> Embora Machado não reivindicasse ter visto o tiro, seu poema provou ter muita influência ao acrescentar uma imagem que nunca tinha sido colocada em cena antes. Nele, Machado localizou o atentado fisicamente “em frente da” Associação de Lavradores e Trabalhadores da Agricultura de Santa Fé do Sul, a organização que Jôfre, Machado, Lira e centenas de outros tinham fundado justamente poucas semanas antes da tentativa de assassinato. Machado escreveu :

Jôfre viu-se perseguido  
Na frente da Associação  
Que defendia a classe pobre  
Contra a usura do patrão  
Foi alvo logo da intriga  
Que tramava o tubarão

Acostumados ao domínio  
Sistema de escravidão  
Estranhavam o combate  
E o dever da Associação  
E avançaram contra essa  
Com artimanha e traição

Procuravam matar Jôfre  
Que por milagre escapou  
Foi um jagunço mandado  
Dois tiros lhe desfechou  
E a Associação nesse dia  
Com seu sangue Batizou!

Embora o poema de Machado não explicita o lugar do tiro em frente ao escritório da associação (uma escrivania numa pequena pensão, em Rubinéia, um vilarejo nas cercanias de Santa Fé), esses versos criavam essa impressão para alguns leitores.

Desde então, Chaia, Maramatsu e o *Jornal de Santa Fé* colocaram o incidente do tiro lá ao invés de na avenida central em Santa Fé. Por exemplo, a Chaia escreveu que: “O atentado ocorreu quando na frente da Associação dos Lavradores de Santa Fé do Sul, preparava-se para tomar um carro que o levaria a São Paulo [...]. Foi baleado por um jagunço que desferiu dois tiros no interior do carro, atingindo-o na região bucal e na coxa”.<sup>24</sup> A versão do Machado foi tão influente que o próprio Jôfre confundiu o lugar do atentado contra ele. Em 1999, durante a filmagem do documentário *A Guerra do Capim* (2001), para conhecer o local do atentado, o Jôfre nos levou até a Praça da Bíblia em Santa Fé onde foi comemorada a colocação da pedra-fundamental da construção da sede da

associação em novembro de 1959.<sup>25</sup> Na memória do Jôfre, então, o tiro ocorreu nem mesmo em frente da associação que existia em Rubinéia, mas em um lugar que concretizou para ele o simbolismo do poema. Na verdade, o prédio que eventualmente foi construído, em consequência parcial da luta dos camponeses liderada por Jôfre, foi a sede do STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, que foi fundado em 1963 em um lugar distante da praça, e sem a participação do Jôfre. Percebemos aqui uma manifestação da memória do Jôfre querer revigorar sua história de luta com as qualidades inscritas pelo Machado.

O primeiro sinal que algo estava errado com a impressão do poema do Machado apareceu nos anexos da dissertação de Reis. Quando Reis formulou a questão para Nogueira, afirmando que o tiro ocorreu “em frente do sindicato”, o informante interrompeu-o, exclamando, “Não, não tem isso! Ele levou um tiro lá [...] na Avenida”. A sedução óbvia da lenda - o lutador da classe derrubado à bala nos degraus do salão do sindicato - pode continuar a ter um apelo mais forte, comparativamente, do que a menos colorida e bem-documentada verdade de então. Essa história de mal-contados lembra-nos as instâncias similares de rumores que correram, de fúria assassina, no relato de Sider, da greve de “Pão e Rosas” entre as tecedeiras de Lawrence.<sup>26</sup>

Talvez a verdade mais frustrante a documentar é o que ocorreu, precisamente, naquele dia. Os relatos mais detalhados permanecem os de Jôfre e Mille. Entre eles, a mais extraordinária diferença é encontrada no relacionamento entre Silva e Jôfre. A história de Jôfre deixa a impressão de que Silva aproximou-se do carro do lado de fora e atirou nele enquanto estava sentado no banco de trás. Na história de Mille, Silva parece ser o que ofereceu a Jôfre uma carona. Ligando as informações das duas histórias, é fácil imaginar Silva virando-se no assento dianteiro para atirar em Jôfre no banco traseiro. Há também a questão de uma troca entre os homens: de dinheiro e palavras. A versão de Mille ganha credibilidade com o tempo. Em 1997, o próprio Jôfre confirmou sua relação com Silva, dizendo que “apareceu como mascate [...] para eu ensinar as zonas do comércio”.

Se apenas pudéssemos ouvir as perspectivas de mais duas testemunhas adicionais: Antonio Pinto e “o” motorista. De todos os grandes silêncios desse evento, o de Pinto é o mais inexplicável. Como confidente e parceiro de Jôfre, que o acompanhou até o hospital em São Paulo, parece lógico que ele teria garantido entrevistas para todos aqueles que ouvissem. No entanto, não surgiu nenhum relato além de suas observações iniciais, citadas acima. A voz do motorista, entretanto, quebra o silêncio, indiretamente, de maneiras interessantes. Em sua narrativa inicial, Jôfre sinalizou um relacionamento especial com o motorista: “diante da insistência de um conhecido meu, amigo Antonio Pinto da Silva e eu entramos no automóvel [...] de propriedade desse conhecido”. Quem foi o associado



que insistiu? Onde estava o Silva nesta conversa? A única pista vem do relato de Mille, onde uma referência ambígua sugere que o carro era do próprio Silva. Será que o homem fosse o motorista de Silva? Teria sido Silva o associado que insistiu em dar uma carona a Jôfre? Seria possível que Jôfre e Pinto entrassem num carro ocupado por *dois* alegados pistoleiros? Foi o mesmo motorista que o levou a uma armadilha não muito tempo antes? Naquela época, mesmo como hoje em dia, dificilmente teria sido um camponês sócio do Jôfre com renda suficientemente segura para possuir um carro.

Analisando a primeira fala de Jôfre e o relato publicado dois dias depois do tiro, no Estadão, não existe uma relação entre o motorista e ‘Silva’. Jôfre lembrou o momento assim: “‘Silva’, então - continua, acercou-se do carro como se nada pretendesse. De repente, antes que o auto arrancasse para fugirmos ao atentado, ‘Silva’ puxou do revólver [...]”. Para o repórter do *Estado de S. Paulo*, era o carro que os levaria não até o estação de trem de Santa Fé, mas para o aeroporto em São José de Rio Preto, horas e horas mais distante. “[O] líder camponês se encontrava no automóvel que o levaria a São José do Rio Preto quando - relatou o jornal - o jagunço se aproximou e desferiu dois tiros no interior do veículo”. Nas duas versões, o Silva está fora, não dentro do carro. A versão de Mille, o suposto testemunha ocular, é totalmente diferente. O Silva veio conversar com Jôfre e além de pedir desculpas e devolver dinheiro emprestado, “convidou-o a ir até a estação em seu carro. Jôfre tenta recusar, mas acabou aceitando a carona” disse Mille. Agora, parado em frente de um bar, Jôfre conseguiu recusar o convite do Silva para tomar um drinque. Neste momento, “vendo que seria inútil levá-lo mais perto da estação, ‘Silva’ sacou do revólver e, a menos de um metro de distância, disparou contra o rosto do lavrador”. A narrativa de Mille não deixa dúvidas - era o carro de Silva. Mas, quem estava no volante?

Mais informações podem ser coletadas dos investigadores de polícia enviados para examinar o caso.<sup>27</sup> Em seu breve relatório, de 18 de agosto, o motorista é identificado como Manoel Espigarra, “quem dirigiu aqueles envolvidos no evento”. Sem resposta para essa questão, o relatório continua:

[...] nenhuma discussão ocorreu no momento da agressão, o indicado [Silva] disse para a vítima que parasse de contar histórias a seu respeito e que não era covarde, ato contínuo pegando Jôfre pela cabeça disparou-lhe um tiro a queima-roupa na boca, tendo ele, motorista, aberto a porta do carro e procurado fugir para não se envolver no caso.

O relato termina com esse episódio e Espigarra desaparece da história até Jôfre, mais tarde, ressuscitá-lo em suas recordações. Como sugerido por esse excerto, o relatório dos investigadores tem um objetivo, de personalizar e assim despolitizar o atentado: de ocultar sua qualidade de luta classista e destacar sua qualidade de briga pessoal. O testemunho de segunda mão de Espigarra dá peso à idéia de que Jôfre e Silva conhe-

ciam um ao outro e acrescenta um detalhe curioso sobre o desdém de Jôfre para com o pistoleiro. Aparentemente, Silva pensava que Jôfre contara histórias disparatadas sobre ele. É esse o porquê Silva tinha Jôfre em mira?

Em entrevistas dirigidas a Jôfre, 23 anos depois do evento, o papel do motorista e sua cumplicidade no crime cresceram significativamente.<sup>28</sup> Enquanto Jôfre nunca mencionara o nome do homem, Espigarra tornou-se um dos personagens chaves no complô para matá-lo. Provocado pelas questões do Nazareth dos Reis, outros indivíduos apareceram no relato do Jôfre:

O Dr. Nuno da Gama Lobo, eu deixo de expressar bem a minha realidade pra ele porque [...] os advogado, e que pode fala do CANALHA DELE, se bom ou se não!<sup>29</sup> Eu tenho a minha opinião por que... Pra mim, o irmão dele é que cercou o carro; e que pediu pra deixa o cara ir até a Estação, que nos ia embarca para ir ate SP. E ai o cara boto o joelho na frente. O motorista da época tava combinado com o cara. O motorista parou no lugar certo, parou no lugar dele me atirar. O rapazinho deu o sinal - o irmão do Dr. Nuno da Gama Lobo -para ele parar. Ele falou: ‘ Não!’ - tudo isso eu notei - Falou: ‘Não! E o irmão do Dr. Nuno da Gama Lobo! Você acha?’ Fale: ‘Oi! gente, eu num quero porque esse moço já fez uma armação ai.. Num gosto de historia com ele! E aquele sujeito tá...’ Não!! Rapaz, ele é direito’ -ele falou - ‘Ele vai responder pelo crime que ele fez; casa com filha do nosso companheiro pedreiro, que ele tinha desonrado ela!’ E eu falei: ‘Oi, ele num tá muito especial da minha mão, não! Eu num gosto! Mas, em todo caso, vocês querem parar, parar!’ Parou. Foi o tempo do cara chegar, bota o joelho onde tem um portãozinho assim. Trinta e oito! A bala que eu tenho alojada aqui, pode tira radiografia, os medico prova que e trinta e oito.

Então, o cara me deu um tiro dentro da boca! O outro ele foi da no coração, mas quando o Zé Correia e mais um outro, e eu corri pro lado de fora, o tiro, conforme eu levantei no carro, baixei o corpo assim para sair pela porta do carro, acertou aqui na popa e parou aqui em baixo da virilha.<sup>30</sup>

Colocando de lado, momentaneamente, a informação desvinculada ao motorista, Jôfre adiciona à história uma conversa elaborada com ênfase no papel do motorista, ao parar para o atirador, apesar dos desejos expressos de Jôfre. Isso, também, fortalece a idéia de que Jôfre tinha considerável conhecimento de Silva, bem como a sensação que ele afirmava dele ameaçá-lo. O que foi, uma vez, a insistência do motorista em dar-lhe uma carona transforma-se, agora, em sua insistência de parar na cena do crime, de conduzi-lo para uma armadilha.

Em sua memória do acontecimento, gravado em 1997, Jôfre implica o motorista diretamente.<sup>31</sup> “O motorista também estava de acordo com ele [Joaquim Nogueira], participando do crime”. Nesse relato, Jôfre recorda uma conversa diferente com o homem. “Porque eu falei: ‘Motorista, toca o carro que esse homem vai me atirar’” e ele não tocou.

Ele disse que tinha que tomar alguma coisa. “Eu falei: ‘Você não pode fazer isso, que esse rapaz está a fim de me matar. Vamos embora!’”. Quando eu lhe perguntei: *O que o tiro significou para você?* Jôfre respondeu,

Para mim significava que eles queiram me matar. E eu saí com um cabo, amigo meu, que me escoltava, me jogou uma arma na mão e eu não falava porque eu estava com uma bala na língua, os dentes quebrados, e o motorista safado que me levou, ele não recebeu não. Ele falou: “Depois eu vou falar com você o que você vai receber”. Ele sumiu até do lugar. E eu tinha avisado ele: “Oi, depois nos vamos acertar, nos dois” (não dava para falar bem, mas ele me entendeu) porque ele foi o causador, ele e aquele filho do Nuno que sumiu. Filho, sobrinho, neto, sei lá, era uma coisa assim. Eles foram o causador disso.

A sutil discordância sobre a parada do carro desapareceu de sua memória. Agora o motorista é mostrado como contra-mandante de uma ordem direta de Jôfre para não parar. Ele se tornava um co-conspirador e co-pistoleiro, que ameaçava “pegar” Jôfre numa outra hora. Mais que isso, um Jôfre ferido, mas armado ameaçava vingança, não a Silva ou Nogueira, mas ao motorista. Esta é a chave: Jôfre tem em mira o traidor não o atirador. Em comparação com o motorista, que se apresentava como um amigo, Silva estava apenas fazendo seu trabalho como pistoleiro de Nogueira, inimigo do movimento orientado por Jôfre.

A vingança supera, gradualmente, a punição como *leitmotiv* das lembranças de Jôfre. Inicialmente, a ênfase de sua narrativa estava no engano ao aceitar a carona indicada por “um associado”. Duas décadas mais tarde, ele quase se culpa por deixar o motorista parar. Já na entrevista de 1997, o próprio Jôfre define a intenção do acontecimento como vingança. Apesar de nunca ter existido registro dele perseguindo o motorista para pagar a ameaça da qual se lembrava, acontece agora, na oportunidade que ele tem para influenciar o registro histórico, uma forma sutil de vingança. A responsabilidade do próprio tiro mudou a partir da decisão de Jôfre de aceitar a carona ao invés de pegar ônibus, de falhar em impedir o motorista de parar, para a traição efetiva do motorista. Os elementos anteriores não desapareceram. Simbolicamente falando, Jôfre toma controle do acontecimento ao mostrar como ele podia tê-lo impedido tomando melhores decisões, ficando vigilante. Mas ele sugere, também, que o pior perigo vem dos inimigos dentro dos próprios meios: o sócio, o motorista e o Silva próprio. Esse fator é mais difícil de controlar. Jôfre chega ao topo por sua contra-ameaça. Agora, ele próprio, armado e perigoso, impede-os de completarem o serviço e leva ambos, o motorista e Silva Preto, a desaparecerem de cena e, desse modo, da história. O Jôfre tentou finalizar sua territorialização da história em 1999

com a afirmação de que o atentado aconteceu no terreno da sede da associação camponesa, o embrião do STR de Santa Fé. A luta dele era a luta justa de quem trabalha na terra, uma luta que se institucionalizou num órgão corporativista.

### *Relatos oficial e partidário*

Além do motorista, outro novo personagem apareceu na narrativa do Jôfre, notavelmente Nuno e seu parente ou parentes, descritos várias vezes. Esses indivíduos acrescentam novas camadas à questão do motivo, de porque Silva atirou em Jôfre. Oficialmente, Nuno simbolizava uma das três explicações que compunham uma investigação policial inconcludente do tiro. Essas hipóteses podem ser encontradas no memorando, em 17 de agosto de 1959, que o agente do DEOPS, Tasso de Oliveira, escreveu para seus superiores em relação a uma investigação de quatro dias em Santa Fé.<sup>32</sup> No relatório, Oliveira sugeriu que Nuno e o prefeito de Santa Fé contrataram Silva para matar Jôfre, porque eles se sentiam politicamente ameaçados pela sua crescente popularidade. Oliveira ofereceu isso como sua terceira hipótese e nós devíamos retornar à noção de uma conspiração política após discussão dos primeiros dois motivos que ele delineou.

A segunda hipótese de Oliveira tinha Silva atirando em Jôfre por ordem de Diniz ou um de seus administradores. Essa teoria, que melhor se encaixa na imagem popular, recebe apoio nas anotações que o Paulo Emílio Vanzolini gravou em seu diário. Logo após o tiro, Vanzolini, o zoólogo e sambista paulista, foi o enviado especial do Governador Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto para resolver o conflito de terras em Santa Fé. Durante sua estadia na região em agosto e setembro de 1959, Vanzolini tomou notas do boato sobre Silva, incluindo a idéia de que ele “bebeu um litro e meio de conhaque para criar coragem de atirar, e errou o tiro a poucos passos” por causa da bebedeira. Recordando suas atividades nessa noite de 18 de setembro de 1959, Vanzolini fez a seguinte observação em seu diário:

Tonico [Antonio] Barbosa [que trabalhava diretamente para Diniz] acabou de contar o caso do Jôfre: 1) o preto levou um tiro nas costas; 2) Cotrim pagou 8 ou 9 contos de hospital; 3) o preto quem sabe para agradar Cotrim, fez o serviço [...]. Quanto ao dinheiro que o negro tinha, ele veio de um negócio de troca de arroz. Bela história!

Talvez, para encobrir seu padrão, Barbosa atribuiu o tiro a uma, aparentemente circunstancial, compensação entre Silva (“o preto”) e Cotrim, o empreendedor que trabalhava com Nogueira. Muitas das pessoas na associação de camponeses realmente tratavam com Cotrim, ao invés de Nogueira ou Diniz. Contudo, em seu diário, Vanzolini não questiona ou leva mais em conta a alegação de responsabilidade embutida nesta “bela história”.<sup>33</sup> Ainda que ele se encontrasse freqüentemente com Oliveira, o policial respon-

sável, nenhuma versão oficial, nem qualquer outra representação pública das autoridades relatavam a idéia de que Diniz ou seus agentes tinham sido os mentores por trás do tiro em Jôfre.

As autoridades favoreceram, claramente, a primeira hipótese de Oliveira, na qual o crime foi reduzido a um confronto entre dois personagens ofensivos.<sup>34</sup> Em essência, essa foi a teoria que Nogueira apresentou a Reis, em 1987: que Silva atirou em Jôfre por razões pessoais, talvez briga por uma mulher. Em seu relatório, os investigadores do DEOPS relataram que o Silva tinha estado num bar com o Ivone, o irmão de Dr. Nuno, quando declarou que “iria procurar Jôfre a fim de que o mesmo saldasse uma dívida, e caso ele não o fizesse ele (Silva) o mataria”. O relato contemporâneo de Oliveira também enfatizou uma dívida só que citou como prova o depoimento de uma prostituta: “Silva teria dito a uma meretriz, horas antes do crime, que estava a procura de Jôfre para acertar uma conta, de ‘qualquer forma,’ exibindo, então, um revólver”. O papel de uma prostituta voltou no motivo que Nogueira deu ao Silva 20 anos depois do crime, só que agora era o Jôfre que estava com dinheiro. “O negrinho arrumou uma loirinha”, Nogueira contou a Reis. “O Jôfre conversou ela e ela acompanhou ele, por que o negrinho não tinha dinheiro e Jôfre tinha”. Silva reclamou disso para o seu amigo Nogueira e o arrendatário contou a Reis que na hora falou assim para Silva: “‘Não, rapaz! Vai e dá um tiro dentro da boca dele!’ Ele foi e atirou!”. Em seguida, Nogueira se libera de qualquer culpa pelo crime: “Mas mandei assim por farra minha mesmo. Por brincadeira. O nego foi e atirou...”

Inconsistências e contradições tornam as histórias dos investigadores, Oliveira e Nogueira, difíceis de se aceitar sem maior análise. Desde que eles saíram da classe dominante com que Jôfre se confrontava, eles precisavam ser considerados inclinados contra ele. A mensagem atrás deles é clara: o tiro não estava baseado em política, conflito de classe ou ideologia, ele era simplesmente um “assunto pessoal” entre dois homens de caráter questionável. O primeiro exemplo disso é a forma com que Nogueira, que pode muito bem ter ordenado o assassinato mal sucedido, argumenta que era uma “farra minha”, quando ele disse para Silva se vingar de Jôfre, dando-lhe um tiro na boca. Essa explicação embrulha o acontecimento como uma desavença entre dois indivíduos, sem qualquer significado simbólico ou político. Pelo menos, é isso o que os interlocutores desejavam que o público e os historiadores acreditassem porque, para eles, o crescimento do movimento de Jôfre simbolizava, também, uma perda do controle, algo que eles não podiam admitir.

A campanha deles para descartar o atentado influenciou, rapidamente, a forma com que o caso foi tratado pela imprensa conservadora e oficial. O conservador *Estado de S. Paulo* parou de noticiar sobre Silva e concentrou-se, ao invés disso, em menosprezar a vítima. Uma série de reportagens sobre os problemas em Santa Fé não fazia menção ao

atentado, no entanto, incluía uma lista completa - direta dos arquivos da polícia - do boletim de ocorrência de Jôfre, mostrando que ele tinha sido detido antes por vagabundagem, quebra de braço e coisas assim.<sup>35</sup>

No final das contas, a investigação policial chegou a uma paralisação. Nenhuma acusação foi levantada contra Silva, Cotrim, Nogueira ou Diniz, enquanto Jôfre foi retido e enjaulado sob pretexto de que seu comportamento ameaçava violar a lei de segurança nacional contra a agitação social.<sup>36</sup> Exceto pelo milagre da sobrevivência de Jôfre, sua morte teria caído numa longa lista de assassinatos impunes de ativistas do trabalho rural, um padrão que começou muito antes da disputa em Santa Fé e continua até os dias atuais. Com a evidente conspiração do representante do governo, escolhido meticulosamente pelo Secretário de Agricultura José Bonifácio Coutinho Nogueira, a polícia estadual e a justiça e o apoio da grande imprensa, a oligarquia rural, confrontada pelos camponeses de Santa Fé, tentou, nitidamente, riscar o atentado de importância para suprimir o quase martírio de Jôfre e restaurar o controle.

Nesse meio tempo, por outro lado, os aliados de Jôfre procuravam embrulhar o tiro, tanto quanto possível, com simbolismo e significância para atrair a simpatia do público e desmoralizar Diniz e os demais “latifundiários”. O atentado tornou-se uma oportunidade para documentar injustiça e desigualdade no campo e relevar a necessidade da luta organizada. Para o PCB, ele também proporcionou a chance de enfatizar o papel da liderança do partido na zona rural, pois Jôfre permaneceu um membro leal do partido até sua morte em junho de 2002. Na época, reportagens sobre ele apareciam, regularmente, até o golpe militar de estado de 1964, nos jornais do PCB, tais como o *Terra Livre* e o *Novos Rumos*.

A pressão gerada pelo sensacionalismo do tiro em Jôfre nos tablóides do PCB, bem como nos diários populistas como o *Última Hora*, mobilizou o governador a enviar um emissário especial (Vanzolini) à região para resolver o conflito. Em meados de setembro, muitos arrendatários tinham aceitado contratos lavrados e outros tinham deixado Santa Fé, aceitando indenizações - em dinheiro ou sacos de sementes de arroz vencidas - para as perdas que tiveram. Depois da saída de Vanzolini, um comentarista de *Novos Rumos* colocou o incidente do tiro no clímax da luta dos arrendatários contra o fazendeiro:<sup>37</sup>

As terras tinham sido arrendadas verbalmente conforme a tradição imposta pelos senhores feudais. Mas Zico, acobertado pelo Juiz de Direito e pelo Delegado de Polícia, resolveu desrespeitar o contrato e encarregar seus capangas de expulsar os lavradores das terras. Toda a sorte de violências foi cometida contra os trabalhadores e suas famílias. O líder dos lavradores, Jôfre Correia Neto, foi covardemente alvejado a tiros de revólver tendo sido hospitalizado em estado grave. Mas todos os recursos utilizados

contra os arrendatários resultaram inúteis. A luta dos lavradores foi vitoriosa graças a sua organização e a solidariedade dos sindicatos operários, e de várias personalidades que se colocaram ao seu lado.

Como diria o tempo, o PCB celebrou, prematuramente, a vitória dos camponeses. O PCB colocou em destaque a militância do Jôfre enquanto ele estava na frente da luta dos camponeses pela justiça, arriscando sua vida e liberdade por essa causa tão séria. Como no ensaio de *Novos Rumos*, brevemente citado acima, a cobertura do PCB nunca explicou ou analisou, a fundo, os detalhes do atentado ou da disputa. Ao invés disso, o partido colocou o acontecimento em categorias que se adequavam a sua análise parcial da questão agrária no Brasil, com seus restinhos feudais e presente imperialista.<sup>38</sup>

Retornando à teoria da conspiração política formulada por alguns, incluindo o agente do DEOPS, Tasso de Oliveira, podemos ver que as acusações contra Nuno se originam, parcialmente, de insinuações políticas da história de Jôfre. Enquanto Jôfre nunca apresentou candidatura para um cargo público, ele fazia campanha para o candidato a prefeito, Deraldo da Silva Prado, e para o candidato à presidência do Brasil, Marechal Henrique Lott, que tinha apoio do PCB. No curso dessas campanhas, tanto Lott quanto Prado estiveram presentes na cerimônia de fundação da associação de trabalhadores rurais. Prado doou materiais de escritório para o grupo e o jornal de Nuno cobriu as atividades e celebrou a eleição de Jôfre como presidente da associação. Jôfre relembra essas relações íntimas na negação da credibilidade das acusações. Em 1997, ele alegou que Prado “era comunista, e ele não faria isto [...], ele era nosso companheiro”. Nessa mesma entrevista, ele descreve Nuno como “um traidor”, mas também, afirma que não foi Nuno quem ordenou que o matassem. A polícia não ofereceu evidência de apoiar essa linha de investigação, exceto para observar que Silva passou a noite anterior ao atentado bebendo com Ivone, irmão de Nuno, algo corroborado pela polícia.<sup>39</sup>

Nas recordações posteriores de Jôfre sobre o acontecimento, Ivone aparece como cúmplice de Silva no crime. O papel dele na história cresceu em importância, quando o tempo passou. Isso pode ter sido devido a algumas perguntas que Reis fez a Jôfre em 1988. Ele queria que Jôfre comentasse sobre uma organização que o advogado tinha construído para competir com a associação de Jôfre. Chamada de “Legião da Enxada”, a organização combinava com os clubes sociais de tradição Católica e seus “círculos operários”, organizados para abafar o conflito de classes e provocar harmonia social. Mas quando Reis fez sua terceira pergunta sobre Nuno, enfatizando a legião, Jôfre respondeu: “Nunca tomemos conhecimento desse movimento dele”. Isso parece bastante duvidoso já

que a legião foi fundada em Santa Rita d'Oeste, uma das agrovilas mais importantes no conflito com Diniz. Foi formada em 15 de novembro de 1959, uma época em que Jôfre estava de volta na região.<sup>40</sup>

Apesar da aparente ignorância de Jôfre sobre a região, essa e outras ameaças da associação de arrendatários tornaram-se parte do folclore que explicava porque Jôfre tinha sido baleado. Machado relaciona o tiro em Jôfre como esforço para suprimir a associação em seu "Poema da Terra". Esse deve ser o subtexto para sua referência a Jôfre como recebendo o tiro "na frente da associação". Um poema anterior de Machado, "A Associação de Santa Fé" torna essa conexão mais explícita. Publicado no jornal *Terra Livre* no segundo semestre de 1959, o poema de Machado, inclui os seguintes versos:

Arriscando mesmo a vida  
Nesta entidade nascente

Que se batizou com sangue  
De Jôfre - seu presidente.

Todos conhecem a traição  
Do criminoso atentado  
Quando Jôfre destemido  
Nas ruas foi baleado

Nós sabemos que isso tudo  
Era ódio à Associação  
Pois ela não interessa  
Para o grande, o tubarão

Aqui está um *leitmotiv* político específico para esse crime, um que se constrói sobre o fato de que Jôfre estava no negócio político, quando recebeu o tiro e afirma que deve ter sido um relacionamento causal entre a fundação da associação, em 14 de junho de 1959, e o ataque a seu presidente em 6 de agosto.<sup>41</sup>

Na manhã do dia 6, Jôfre não estava apenas em caminho para uma disputa política, mas, como relata o DEOPS, Jôfre fora escalonado para discursar numa "reunião extraordinária" do clandestino PUI - Pacto de Unidade Intersindical, controlado pelos comunistas, durante sua visita a São Paulo.<sup>42</sup> Através de Jôfre, a associação de arrendatários tinha desenvolvido contatos com uma vasta rede de apoio a grupos, bem como da imprensa nacional. Esses contatos atraíram atenção crítica para o problema dos arrendatários, ajudou Jôfre a ser estrela da mídia e pode tê-lo elevado a alvo de um assassinato. Ao estabelecer uma ligação entre o tiro de Jôfre e a associação ("Nesta entidade nascente / Que



se batizou com sangue / De Jôfre”), Machado trouxe atenção à associação como rebento imortal do quase-mártir corajoso. Com toda probabilidade, essa atenção contribuiu para a longevidade da organização.

A idéia de Machado de uma ligação entre o tiro de Jôfre e a associação apareceu no relatório de 17 de agosto, de Oliveira.<sup>43</sup> Ironicamente, Oliveira não via a supressão da associação como um motivo para o tiro em Jôfre. Ao invés disso, ele usava o tiro em Jôfre para encorajar seus superiores a autorizar o encerramento das atividades da associação, não importava a que custo, assim para evitar mais incidentes caóticos.

É necessário - creio - que se ponha cobro a essa situação, que dia a dia mais se agrava. É preciso que esses lavradores sejam esclarecidos de que não serão possuidores das terras pertencentes ao Sr. José de Carvalho Diniz, como promete constantemente o malandro Jôfre Corrêa Netto, dissolvendo-se a Associação. Essa providencia - estou certo - só se fará com medidas drásticas, talvez com violências; as medidas paliativas até agora tomadas, somente contribuirão para agravar a situação e implicarão em maiores dificuldades futuras.

Dessa forma, o agente do DEOPS fixou o fechamento da associação como uma medida de carinho frente às dificuldades dos camponeses manipulados por malandros. Como as figuras de autoridade em outros lugares, Oliveira apresentou o Estado como um pai austero, ansioso para proteger os interesses dos cidadãos inocentes, ao tomar o controle da situação. Os líderes da associação de arrendatários ameaçavam a ordem, criando esperanças falsas e perturbando a tranquilidade do campo. Machado e outros militantes levantaram a atenção para a possibilidade de fazer da associação um bode expiatório, protegendo-a através da simpatia pública para Jôfre, representando-o como o primeiro alvo dos “aproveitadores” da campanha fraudulenta para destruir seu rebento: o movimento arrendatário. Em outras palavras, o relatório de Oliveira prova que os instintos políticos do Machado foram certos.

Nossa análise do fato deixa insolúvel a identidade completa do atirador, exatamente o que aconteceu naquele momento e o motivo exato de dar um tiro em Jôfre. Silva podia ter sido um pistoleiro contratado, um mascate viajante, um companheiro de bebedeiras de Jôfre, ou todas essas coisas. Podia ser que Jôfre tenha recebido o tiro enquanto viajava no carro de Silva, o carro de um cúmplice, ou um de seus associados. O motorista podia ter parado para uma conversa ou comandar uma armadilha, ou porque ele não tinha outra escolha. Jôfre e Silva podiam, ou não, ter trocado palavras e dinheiro, antes que Silva atirasse de duas a cinco vezes, atingindo Jôfre de duas a três vezes. Jôfre podia ter uma arma ou estar desarmado. Ele podia ter recebido o tiro devido a uma dívida, uma mulher, ou uma ofensa. Ele podia ter recebido um tiro para eliminá-lo como uma ameaça política ou concorrente. Ou, ele podia ter recebido o tiro para silenciar uma voz militante, intimidar

os arrendatários e derrubar o movimento camponês. Quanto mais investigamos a evidência, mais confusas se tornam as respostas para essas perguntas. E, ainda, como vimos, as respostas mais resistentes estão diretamente em descrever Silva como um pistoleiro contratado para matar Jôfre para enfraquecer, senão acabar, com o movimento camponês em Santa Fé. Os próprios militantes contaram esta história e os estudantes e pesquisadores simpatizantes da causa dos trabalhadores rurais explicaram-na com mais detalhes, às vezes sem fundo empírico.

*Conclusão: Reconstrução do acontecimento*

Meu objetivo não é desconstruir o heróico Jôfre, mas, ao invés disso, examinar similaridades e diferenças reveladoras entre as várias versões do atentado para entender melhor o desafio que temos na reconstrução da história da perspectiva camponesa. Isto é, onde o trabalho de Portelli e outros analistas pós-modernos dão importância àqueles que estão interessados em movimentos sociais e nas lutas extraordinárias das pessoas comuns. Em décadas passadas, os historiadores enfatizaram o racional sobre o irracional ao confrontar mitos, tais como aqueles associados com bandidos sociais. Ao desmistificar os mitos, os historiadores geralmente procuravam libertar-nos da falsa consciência. O que aconteceria, se nós também considerássemos os mitos como um “componente fundamental do pensamento humano”, como algo sólido, não importa quanto impreciso, nos quais as pessoas reais se baseiam? O que aconteceria se nós olhássemos para os relatos de memórias, para ver o que é que faz as pessoas acreditarem em tais histórias e agirem com base em algo que os historiadores reconhecem como falso? Este trabalho coloca ambas as perguntas sobre a história do tiro em Jôfre Corrêa Neto.<sup>44</sup>

A durabilidade dos relatos iniciais mostra o poder do imaginário popular no Brasil. Para os simpatizantes, a história é imediatamente satisfatória como uma confirmação das relações de classe brasileiras, do conflito entre latifundiário e camponês; até gratificante, dado a maior resistência do lado camponês. Sua veracidade é confirmada pela evidência repetida da violência rural e o constante ultraje da impunidade dos donos de terra. O abuso de força privada pela minoria poderosa e a má vontade do Estado em proteger a maioria é tão antiga quanto a história brasileira. A grande afluência de atenção internacional dada ao assassinato de Chico Mendes, o sindicalista seringueiro morto em 1988, apontou a natureza excepcional do julgamento contra o proprietário culpado. Em contraste, dezoito trabalhadores rurais massacrados pela polícia em abril de 1996 não viram, todavia, seus assassinos processados, apesar da onda de atenção da mídia, e a certa identificação daqueles responsáveis. Então, a imagem de Davi e Golias do tiro de Jôfre persiste devida, em parte, a suposições realísticas dos brasileiros terem a violência rural e a necessidade de superar o legado de impunidade.<sup>45</sup>

A versão simples do tiro de Jôfre pode ser a única que se pode esperar persistir devido à natureza mutável da memória social e a instabilidade corrosiva da vida entre os pobres rurais do Brasil. O padrão de vida migrante seguido por quase todos os trabalhadores rurais, hoje, teve raízes na era da militância de Jôfre. Enquanto o próprio Jôfre adotou um estilo de vida itinerante, a maioria dos trabalhadores rurais logo se encontraria seguindo seu líder como resultado de um mesmo padrão de exploração que a associação de arrendatários de Santa Fé tentava resistir. A necessidade de permanecer móvel para encontrar trabalho ou terra devoluta produziu na comunidade uma realidade enganosa e dificultava a construção de uma cultura camponesa coerente - com sua habilidade de cultivar a memória coletiva - no Brasil. Hoje, os estudiosos parecem ser aqueles mantendo a história viva como um exemplo da resistência camponesa em face de uma classe governante ligada a interesses da terra. Não é necessário olhar mais longe que um livro de 1989 sobre movimentos sociais rurais no Brasil, publicado por uma organização popular dedicada em colocar tais histórias “à disposição dos trabalhadores rurais”, para encontrar a versão simples do tiro em Jôfre. É claro que, principalmente, a vida migratória à qual os pobres rurais estão condenados e os hábitos de distorção comuns à memória coletiva tornam difícil manter um relato completo de uma história viva. Tudo o que tem uma chance de permanecer é a essência mística, um provérbio, se você o desejar.<sup>46</sup>

Muito se tem escrito sobre a memória nos anos recentes, para ajudar a fazer sentido o reaparecimento de Jôfre na sua própria história. O problema aqui é duplo: por um lado, a memória de Jôfre desafia relatos documentados; por outro lado, a evidência acumulada desafia a memória de Jôfre. Um terceiro nível de complexidade é adicionado à mistura, quando Jôfre é visto a contradizer-se ao interpretar a história em 1959, 1988 e 1997. Devido a tais inconsistências, nossa primeira inclinação é suspeitar da memória. E, no entanto, como o psicólogo Daniel Schacter escreve, “há boas razões para se acreditar que nossas memórias dos contornos mais amplos de nossas vidas são, fundamentalmente precisas”. Podemos mesclar essa descoberta com a fé de Portelli na história oral como um refúgio de mitos significativos. Alguns concluem dessas idéias que nenhum “texto” é mais válido do que outro qualquer ou que a história, como o historiador francês Pierre Nora escreve, “assedia a memória, deformando e transformando-a, penetrando e petrificando-a”. Mas, no caso do tiro em Jôfre, memória e história não se opõem uma a outra, elas interagem e se enriquecem mutuamente. Os historiadores, se profissionais ou ocasionais, têm um papel a representar na pesagem da evidência e no descobrimento do relato mais preciso e significativo.<sup>47</sup>

A melhor versão do tiro em Jôfre aceitaria a ambigüidade de fontes conflituosas como uma oportunidade de provar o incidente em sua interpretação mais precisa. Por

exemplo, Silva e Jôfre tiveram, provavelmente, um relacionamento. A aproximação íntima do atirador e da vítima nos diz mais sobre a realidade brasileira do que uma imagem dos dois como lutadores de classes. Aqui estavam dois vendedores, dois homens que viviam de seus próprios punhos, um dos quais se tornou um porta-voz para os camponeses arrendatários, enquanto o outro se tornou, talvez, por apenas um momento, um agente dos interesses latifundiários. Sob essa luz, os dois provavelmente interagiram, eles podem ter emprestado dinheiro um ao outro e encontrado um com o outro na companhia de prostitutas. Uma competição sutil podia ter levado cada um deles a denegrir o outro pessoalmente ou em particular. O próprio Nogueira podia ter tomado vantagem da tensão entre eles e encorajado Silva a atirar em Jôfre.

O papel de Nogueira no atentado é outro aspecto da história deixado de fora nas narrativas originais, ainda que a história faça muito mais sentido, quando sua participação é incluída. Na história da expansão agrícola no Brasil, há milhares de intermediários como Nogueira e Cotrim. Eles estavam lá para formar pastos para Diniz ao menor custo possível. Diniz podia ter sido envolvido, mas é muito mais provável que ele não soubesse nada de Silva e só um pouquinho sobre Jôfre. Ao culpar Diniz, o PCB podia caluniar os latifundiários do Brasil e seus métodos feudais, mas julgou mal a natureza fundamentalmente capitalista da agricultura de São Paulo. Sem dúvida, há uma impressionante ironia na demonização persistente dos comunistas dos “senhores feudais” no Brasil, quando seus naturais inimigos-capitalistas ideológicos estavam todos ao redor deles, praticando acumulação primitiva através da renda da terra. Previsões políticas, que se provaram inadequadas no final, levaram-nos a procurar alianças com “capitalistas progressivos”. Grandes agropecuaristas como Diniz, que nem se aliariam com eles nem tratariam seus trabalhadores de modo correto, agruparam-se, relutantes, no campo do inimigo feudal. Nesse meio tempo, a crítica marxista - que raros comunistas fez - teria enfatizado como o motivo do lucro levou Diniz a contratar empreiteiros como Nogueira e Nogueira subempreiteiros como Cotrim e Silva para aumentar as receitas e minimizar os custos e sua responsabilidade social.

Entre as muitas razões apresentadas para explicar porque Silva atirou em Jôfre, poderíamos encontrar a compatibilidade entre vários motivos. Silva podia ter usado um conflito pessoal entre ele e Jôfre para ficar irado o suficiente para executar o crime. Sua ira e a disponibilidade podiam ter servido aos interesses de Nogueira em apagar Jôfre, que tinha, sem dúvida, se tornado importuno e cujas conexões a militantes urbanos, à imprensa e políticos ameaçavam trazer-lhe um escrutínio indesejável para suas operações em Santa Fé. O Barbosa, tenente de Diniz, revelou para Vanzolini justamente esta ligação de motivos pessoais de Silva com a vontade do Nogueira e Cotrim para restabelecerem

seu controle. O agente do DEOPS, Oliveira, revelou que o próprio tiro em Jôfre criou uma desculpa para as autoridades, para assumir um controle maior da região. De fato, a luta pelo controle da terra parece ser o assunto central que motivou o crime.

As várias memórias de Jôfre do evento provaram ser extraordinariamente poderosas. Mesmo embora a notícia do *Última Hora* com o primeiro testemunho do Jôfre não tenha sido parte do registro nacional até a publicação deste artigo, suas características essenciais encontraram um caminho para entrar na memória coletiva através da breve reportagem publicada no *Estado de S. Paulo*. A força de suas entrevistas de 1988 e 1997 dependeu, em grande parte, da existência de relatos que corroboraram. Com outras fontes em mãos, as memórias de Jôfre expandiram a discussão de participantes e motivos, e fortaleceram suspeitas sobre os papéis de Nogueira e Silva. A riqueza de suas memórias se estendeu para além dos fatos “certificáveis”. Suas entrevistas enfatizaram os “erros” que o levaram para dentro da armadilha de Silva, “chances erradas” que não têm representação em qualquer outra fonte e, no entanto, parecem carregadas de significado. Como os militantes comunistas estudados por Portelli na Itália, o Capitão Jôfre afirma seu controle sobre a história em seus depoimentos, ligando o atentado à sua falha de ser cauteloso e agir de acordo. “Culpar ‘nosso’ lado pela ‘falta de justiça’ na história significa, antes de mais nada, que ainda é nosso lado que faz a história”, escreve Portelli.<sup>48</sup> A memória de Jôfre coloca-o no lugar do motorista, como se estivesse oferecendo à esquerda ainda uma outra chance de reviver as coisas. É mais que uma coincidência que Jôfre planejou essas versões numa época em que a ideologia e o partido a que ele devotou sua vida estavam em decadência e ameaçados de extinção. Que hora melhor para revisar táticas e estratégias falhas? Pouco escolarizado como é, o Jôfre conseguiu chegar à nossa porta, até no exterior, alçando ainda a bandeira do Comunismo para ensinar seus ignorantes alunos professores como contar sua história.

Nenhuma dessas memórias alteram o apelo do ambiente lendário do tiro em Jôfre. Em seus fundamentos, a história captura muito do que é verdadeiro sobre as relações sociais rurais no Brasil, embora deixe, para trás, muito do que é também verdadeiro. Para dizer que alguém chamado Jôfre arriscou sua vida para ajudar os camponeses a permanecerem na terra é motivo de comemoração para os que acreditam no povo, na luta de classes. Mas ela não arma as gerações seguintes, como toda a informação que a história contém, assim a versão simples rouba a posteridade. Mantendo nossa fé na utilidade da pesquisa histórica, aplicando-a na análise crítica da evidência de todas as perspectivas possíveis, o tiro em Jôfre mostra um legado fortalecedor e revelador.

*Recebido em agosto/2007; aprovado em outubro/2007.*

Notas

\* Traduzida por Sônia Maria, revisado pelo autor em maio de 2008.

\*\* GVSU - Universidade Estadual Grand Valley (EUA) e Professor colaborador na UNESP - Presidente Prudente. Email: cliff.a.welch@gmail.com

<sup>1</sup> As principais versões sobre a carreira de Jôfre como líder camponês são: Clodomir Santos de MORAES, *The Peasant Leagues of Brazil*, In: *Agrarian Problems and Peasant Movements in Latin America*, Rodolfo Stavenhagen, editor, New York: Doubleday, pp. 453-501, 1970; Vera Lucia M. CHAIA, *Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul*, São Paulo, 1959-1969, dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1980; José de Souza MARTINS, *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981; Luiz Noburu MURAMATSU, *Revoltas do capim: movimentos sociais agrários do oeste paulista, 1959-1970*, dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1984; Leonilde Sérvalo de MEDEIROS, *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989, pp. 42-45; Nazareth dos REIS, *Tensões sociais no campo: Rubinéia e Santa Clara d'Oeste*, 2 vols., dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990; e Vera CHAIA, *Santa Fé do Sul: A luta dos arrendatários*, *Cadernos AEL* 7, 1997, pp. 11-49. No texto a seguir, essas fontes secundárias são confrontadas com várias fontes primárias.

<sup>2</sup> Outras abordagens minhas, disponíveis em português, ora do viés cinemático, ora biográfico, podem ser encontradas em *A guerra do capim* (Grass war!). VHS, 34 m, Nova Iorque: The Cinema Guild, 2001; Capitão Jôfre, o Fidel Castro do sertão paulista. *JST - Jornal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, v.23, n. 244, set. de 2004, p.14, e Jôfre CORRÊA NETTO, *Capitão camponês*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

<sup>3</sup> Moraes, *Peasant Leagues*, 841. Para cobertura contemporânea ver, por exemplo, Interior paulista em pé de guerra: surge um 'Fidel Castro' sertanejo! *Última Hora*, São Paulo, 16 de maio de 1959, nº 1.

<sup>4</sup> Gerald M. SIDER. *Cleansing History: Lawrence, Massachusetts, the Strike of Four Loaves of Bread and No Roses, and the Anthropology of Working-class Consciousness*. *Radical History Review*, Nova Iorque, n. 65, 1996, p. 48-83.

<sup>5</sup> Antônio Torres MONTENEGRO. As Ligas Camponesas às vésperas do golpe de 1964. *Projeto História*, São Paulo, nº 29, tomo 2, p. 391-416, julho/dez. 2004.

<sup>6</sup> As novas evidências usadas aqui incluem reportagens contemporâneas encontradas nos jornais *Última Hora* (Rio de Janeiro) e *Terra Livre* (São Paulo), relatórios policiais, os cadernos do mediador Paulo Vanzolini, documentos e entrevistas conduzidas com participantes em 1988 e 1997

<sup>7</sup> José Carlos Sebe Bom MEIHY. *Manual de História oral*, 4a, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

<sup>8</sup> Citações de Alessandro PORTELLI. *The Death of Luigi Trastulli: Memory and the Event*" In: PORTELLI, *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. New York: State University of New York Press, 1991, p. 1-26. Sobre mito e análise pós-moderna ver *The Myths We Live By*, Raphael SAMUEL and Paul THOMPSON (orgs). New York: Routledge, 1990.

<sup>9</sup> Sobre a prisão de Jôfre ver: Jundiá prende Jôfre Correia, *O Estado de São Paulo*, 1973. P. 18. Desconhecido para mim, Jôfre tinha sido entrevistado, em maio de 1988, por Dos Reis e um repórter do *Jornal de Santa Fé do Sul*. Eu fui apresentado a ele em Ribeirão Preto, em agosto do mesmo ano. Chaia relata que Jôfre apareceu na casa dela sem avisar, em 1989, quando eles se encontraram pela primeira vez. (Quando eu e Dra. Chaia nos conhecemos pela primeira vez em 1988, a professora foi muito generosa com sua pesquisa; me passou, também, sua presunção que Jôfre estivesse morto em 1973.) Surpreendentemente, esse encontro, revelado na sua única publicação sobre os eventos (1997), não teve impacto aparente no seu pensamento. O artigo, representando a primeira exposição pública de sua pesquisa de dissertação de mestrado (1980), não incluiu nenhuma citação ou percepção explícitas de seu encontro com Jôfre. Ver, "Santa Fé do Sul: a luta dos arrendatários." Sobre memória coletiva e histórica ver AHR Forum: *History and Memory, American Historical Review*, pp. 1372-1412, dez., 1997, especialmente Susan A. CRANE, *Writing the Individual Back into Collective Memory*, pp. 1372-1385 e Daniel JAMES, *Meatpackers, Peonists, and Collective Memory: A view from the South*, pp. 1404-1412. (Meus agradecimentos a John

French pelo artigo de Chaia e a Barbara Weinstein pela referência no AHR.)

<sup>10</sup> Crane, “Writing the Individual Back In”, p. 1372 e 1383.

<sup>11</sup> Aparentemente, esta observação sobre Silva era do repórter. O depoimento a seguir foi representado como se fosse um depoimento nas próprias palavras do Jôfre. Ver Líder lavrador (fuzilado) sobrevive: jagunços não conseguiram eliminar o ‘Fidel Castro’ do sertão, *Última Hora*, São Paulo, 2ª ed., 6 de Agosto de 1959, p. 1 & 6.

<sup>12</sup> Acompanhamento das histórias incluídas: Santa Fé em pé de guerra. Líder do sertão vai voltar para defender 2 mil camponeses. ‘Fidel Castro’ sobrevive e a luta continuará. *Última Hora*, p. 1, 4 & 6, 7 de agosto de 1959; Deputados prometem a Jôfre no HC: lavradores serão donos das terras-projeito na Assembléia expropriando latifúndios. *ÚH*, p 1 & 3, 8 de agosto de 1959; Intervenção pessoal do governador para resolver litígio de Santa Fé, *ÚH*, p. 6, 13 de agosto de 1959; e Jôfre não teme ameaças: voltará ao sertão para continuar a luta-líder camponês recupera forças no HC. *Última Hora*, p. 3, 15 de agosto de 1959.

<sup>13</sup> Dirigente rural baleado por jagunço. OESP, p. 11, 7 de agosto de 1959.

<sup>14</sup> Para Julião, Mesquita e Wainer, ver registros sob os nomes no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, 1930-1983, editado por Israel Bloch e Alzira Alves de Abreu, 4 vols, Rio de Janeiro: FINEP, 1984 e o artigo “Estado de São Paulo, O”, da autoria de Carlos Eduardo LEAL e Vicente SAUL, na versão on-line do dicionário: [http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/5860\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5860_1.asp). Acesso em 12 de maio de 2008.

<sup>15</sup> Outras coberturas de correntes dominantes do conflito de Santa Fé incluíam Na greve do capim-colonião: enxada vai virar metralhadora, uma história na revista semanal *O Cruzeiro*, em 15 de agosto de 1959, e os noticiários regulares no rádio, que era, certamente, a mídia mais importante no Brasil naquela época. Jornais comunistas (controlados pelo PCB) cobriram a história extensivamente, especialmente o *Terra Livre*, um tablóide mensal produzido para apoiar o trabalho dos militantes do PCB na zona rural, *Novos Rumos*, o jornal semanal do PCB e a *Revista Brasiliense*, uma publicação autônoma do comunista e acadêmico Caio Prado Júnior.

<sup>16</sup> Fernando PEREIRA. Desfaz a ação do governo a tensão reinante em Santa Fé. OESP, p. 46, 1 de setembro de 1959 e do *Última Hora*: Santa Fé em pé de guerra e Jôfre não teme ameaças. Nazareth dos REIS entrevista com Jôfre Corrêa Neto, 12 de maio de 1988, Santa Fé do Sul, transcrito no Terceiro Relatório de Bolsa, vol. 2, PUC- São Paulo, agosto de 1989, 59. (A seguir, citado como Entrevista do Jôfre, 1988) Cliff WELCH. Anotações de campo: Jôfre. 24 de agosto de 1988, de posse do autor.

<sup>17</sup> Santa Fé em pé de guerra.

<sup>18</sup> Pereira, Desfaz a ação. “Os lavradores não tem líderes. Os dirigentes da Ass de Lav de SFS parecem desamparados e confessam, mesmo a sua incapacidade para orientar o movimento. Durante a reunião um destes dirigentes, em nome dos demais, defendeu a proposta do governo, mas não conseguiu convencer os seus liderados. A aceitação da proposta decorreu do trabalho dos dirigentes sindicais, particularmente do presidente do Pacto (PIU) José Chediack, e do presidente da ULTAB, Pedro Duarte. Estes líderes dirigiram a reunião, do primeiro ao último instante, e souberam convencer os lavradores que, a princípio, não se conformavam em abandonar a terra que haviam preparado, na hora de plantar” (tinha chegado na quinta feira e a reunião da assembléia foi na tarde de sexta feira).

<sup>19</sup> Tasso de Oliveira ao Diretor, Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (DE-OPS-ESP), 17 de Agosto de 1959, em Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), Locador nº. 50-Z-764-46. (A seguir, citado como Oliveira ao Diretor.)

<sup>20</sup> Entrevista de Jôfre, 1997.

<sup>21</sup> Joaquim NOGUEIRA, entrevistada por Nazareth dos Reis (Santa Fé do Sul, 7 de setembro de 1987) e transcrito em REIS, Relatório. p. 79 (A seguir, citado como Entrevista de Nogueira, 1987). José Correia de Lira, entrevistado pelo Nazareth dos Reis (Santa Clara d’ Oeste, 18 de março de 1989) e transcrito em REIS, Relatório, 127 (A seguir, Entrevista de Lira, 1989).

<sup>22</sup> CHAIA, *Os conflitos*, p. 68 e *Santa Fé do Sul: A luta dos arrendatários*, p. 18; MURAMATSU, *As revoltas*, p. 159; *A Operação ‘Arranca Capim’*, *O Jornal de Santa Fé do Sul*, 24 de Junho de 1988, n.p.; e REIS, *Tensões sociais*, p. 195-196. Por volta de 1997, o próprio Jôfre chegou à conclusão de que Nogueira estava, pelo menos parcialmente, por detrás do tiroteio: “Quem arranhou isso, estou lhe dizendo, pois eu sei disso de uma fonte limpa, quem foi buscar [Silva] na Bahia, eu sei com certeza e todo mundo sabe isso,

foi Joaquim Nogueira.” Há motivo para duvidar da certeza de Jôfre, uma vez que ele não se recordava, quando debitou a Nogueira o crime numa data anterior. Na época em que ele fez essa afirmação, ele tinha lido e discutido a tese de Reis e isso pode ter influenciado seu pensamento sobre a questão. Entrevista de Jôfre, 1997.

<sup>23</sup> Olímpio Pereira MACHADO, Poema da terra, *Revista Brasileira* n° 36, pp. 190-196, julho/agosto de 1961.

<sup>24</sup> CHAIA. *Os conflitos*. p. 67.

<sup>25</sup> WELCH e PERRINE. *A Guerra do Capim*.

<sup>26</sup> Entrevista de Nogueira, 1987, p. 77 e SIDER, *Limpendo a História*.

<sup>27</sup> Investigadores 805-1574-1858, Investigação sobre tentativa de homicídio em que foi vítima JÔFRE CORREIA NETO, na cidade de Santa Fé do Sul. (18 de Agosto de 1959) DEOPS-ESP, APESP, 50-Z-764-78. (A seguir, citado como Investigação sobre tentativa.)

<sup>28</sup> Entrevista de Jôfre, 1988, p.58.

<sup>29</sup> O nome completo do Dr. Nuno da Gama Lobo era Nuno Lobo Gama D’Eça. Um advogado e consultor do Prefeito de Santa Fé do Sul, Deraldo da Silva Prado, que também publicava O Santa Fé, um jornal semanal da região.

<sup>30</sup> Z  Correia é o José Correia de Lira. Lira afirma não ter estado com J fre naquele dia devido a doença. Uma vez que a referência de J fre é a única a colocá-lo em cena, a explica o de Lira é, provavelmente, mais confiável. “E daquela vez daquele tiro que o Silva deu no J fre. Aquilo ali, eu ia esta junto com J fre! Era eu, mas tinha doença, eu não pude ir.”, ele contou a REIS em 1989. “Eu era um dos que iam, na maioria das vezes, com J fre para São Paulo. era eu que ia mais o J fre para São Paulo. São tem uma coisa: si eu tivesse ido, não tinha sido dado daquele jeito. Não Senhor! Não é que eu ia matar ninguém, não senhor! São fez covardia: um homem sozinho pegar o outro e bota e atira! Ah! Que e isso gente? Bota o revolver na boca e estoura, e o outro ai?!” No caso, Lira parece culpar o Pinto por não conseguir defender o J fre Entrevista de Lira, 112.

<sup>31</sup> Entrevista de J fre, 1997, p. 10, 51-52.

<sup>32</sup> Oliveira ao Diretor.

<sup>33</sup> Cita o da bebedeira de Silva   do “Relatório de trabalho de Paulo E. Vanzolini, apresentado ao governador do Estado de São Paulo, Carlos A. de Carvalho Pinto” em CHAIA, *Os conflitos*, p. 68. “Diário da Segunda Viagem a Sta F  do Sul, 16 a 30, IX, 59” (Fotocópia de posse do autor), p. 11-12. (Fico agradecido   Chaia por me fornecer, generosamente, esse documento.)

<sup>34</sup> A seguir, as versões foram tiradas de Investiga o sobre tentativa, Oliveira ao Diretor e Entrevista de Nogueira, p. 78.

<sup>35</sup> Ver Como se formou o núcleo de agita o social na zona de Santa Fé do Sul OESP n.p. (5 de agosto de 1960). A série apareceu aproximadamente dois meses depois da “prisão preventiva” de J fre, em Jales, em 2 de junho.

<sup>36</sup> Serviço Secreto: J fre Corrêa Neto. DOPS-ESP (25 de Junho de 1965), *Brasil: Nunca Mais*, Box 144, vol. 11, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP-Universidade de Campinas, São Paulo, p. 1875. (A seguir, citado como Serviço Secreto.) Várias fontes, incluindo o relato do Serviço Secreto, alegam que sua prisão foi precipitada, pelo crescimento da resistência dos colonos arrendatários em seguida a seu retorno para Santa Fé em maio. Ver também Terra Livre (Junho de 1960), 3; Terra Livre (Julho de 1960), 1; “Declara-se a polícia capaz de manter a ordem em S. F  do Sul,” *OESP*, p. 20 (7 de agosto de 1960).

<sup>37</sup> Latifundiário perdeu a ‘Guerra do Capim. *Novos Rumos*, n.p., 25 de setembro - 1  de outubro de 1959.

<sup>38</sup> Em 6 de agosto, o dia que o J fre ferido chegou a São Paulo, um comitê do PCB encarregado de supervisar a campanha rural do PCB concluiu que Zico Diniz tinha ordenado o tiro em J fre e que o governo era, em parte, responsável por ter falhado em resolver, mais cedo, os problemas dos camponeses. Eles concordaram em usar o incidente para fazer pressão sobre o poder legislativo do estado e sobre o governador para intervirem no caso. Eles também adotaram uma “palavra de ordem” - “responder aos atentados, queimando as fazendas e não poupando sequer um p  de  rvore. Será violência contra violência



” - intencionada para evitar mais violências com uma ameaça de violência. Esse pode ser um relato exagerado, uma vez que vem de um espião do DEOPS, que observou a reunião do comitê. Entretanto, não há registro aqui ou em outras fontes de um interesse do PCB em investigar o acontecimento. Ver Reunião da ‘Secção do Campo’ do Comitê Estadual de São Paulo, do PCB, para tratar de assuntos relacionados com o atentado sofrido por Jôfre Correia Neto (7 August 1959), DOPS-ESP, ASEP, 50-Z-764-37.

<sup>39</sup> Entrevista de Jôfre, 1997 e Investigadores sobre tentativa.

<sup>40</sup> Entrevista de Jôfre, 1988, p. 35 e Serviço Secreto. Ver também Notícias do interior: Santa Fé do Sul elege prefeito apoiado pelas forças populares. *Jornal Notícias de Hoje*, 13 de janeiro de 1959. Uma breve história da região é REIS, *Tensões sociais*, pp. 112-122.

<sup>41</sup> A pedra fundamental do edifício da associação foi, cerimoniosamente, assentada em novembro de 1959. Para o poema, ver Olímpio Pereira MACHADO. *Associação de Santa Fé*. Terra Livre, Junho de 1960, p. 3.

<sup>42</sup> Do PIU ver, Reunião do Pacto de Unidade Intersindical, para tratar de assuntos vários. (5 de agosto de 1959), DOPS-ESP, APESP, 50-Z-764-34.

<sup>43</sup> Agente do DOPS, Tasso de Oliveira, que passou *quarto* dias em Santa Fé, acompanhando o atentado à Jôfre, argumentou que a conexão Comunista da associação tinha sido explorada por Jôfre para tornar toda controvérsia entre um trabalhador e seu patrão numa “revolução” na imprensa. Em Oliveira ao Diretor.

<sup>44</sup> Para exemplos da desmistificação do mito, ver Eric J. HOBBSBAWN. *Bandits*. Review. Ed. New York: Pantheon, 1981 e Linda LEWIN. *The Oligarchical Limitations of Social Banditry in Brazil: The Case of the ‘Good’ Thief Antônio Silvino*. *Past and Present*, Londres, n. 82, pp. 116-146, fevereiro de 1979. Para as citações, ver SAMUEL e THOMPSON, Introduction. In: *The Myths We Live By*, pp. 1-22.

<sup>45</sup> Sobre Mendes, ver Andrew REVKIN, *The Burning Season: The Murder of Chico Mendes and the Fight for the Amazon Rain Forest*. Review ed. Boston: Houghton Mifflin Co., 1992. Sobre o massacre de Eldorado dos Carajás, os protestos do Movimento dos Sem Terra ver José SARAMAGO. Introdução In: Sebastião SALGADO. *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 9-13. Sobre os problemas gerais de impunidade ver, por exemplo, Medeiros, *História*, Passim; Biorn MAYBURY-LEWIS, *The Politics of the Possible: The Brazilian Rural Worker’s Trade Union Movement, 1964-1985*, *Philadelphia*: Imprensa Universidade Temple, 1994 e MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, *Assassinatos no Campo: crime e impunidade, 1964-1986*, 2a ed. rev. São Paulo, Global, 1987.

<sup>46</sup> Para uma reformulação recente dos acontecimentos de Santa Fé, ver MEDEIROS, *História*, pp. 42-43. O livro foi publicado pela Federação de Agências de Assistência Social e Educacional (FASE) com a intenção de ser “o primeiro de uma série de livros sobre a zona rural, que a FASE pretende publicar e colocar à disposição dos trabalhadores rurais e seus assessores, mas que será, também, de interesse para todos aqueles que acreditam que é possível mudar nossa sociedade”.

<sup>47</sup> Daniel L. SCHACTER, *Searching for Memory: The Brain, the Mind, and the Past*. New York: Basic Books, 1996, p. 84. Nora citada em CRANE, *Writing the Individual Back In*, p. 1379.

<sup>48</sup> Allesandro PORTELLI, *Uchronic Dreams: Working-Class Memory and Possible Worlds*. In: SAMUEL e THOMPSON. *The Myths We Live By*, p. 155.

## ANUNCIANDO A CIVILIZAÇÃO: IMPRENSA, COMÉRCIO E MODERNIDADE FIN-DE-SIÈCLE EM DIAMANTINA E JUIZ DE FORA, MG

*James William Goodwin Junior\**

### **Resumo**

A *Belle Époque* difundiu idéias e conceitos sobre progresso e civilização, tendo no espaço urbano sua síntese mais visível, notadamente em países economicamente periféricos. A imprensa teve papel destacado na propagação desses conceitos urbanos, com ênfase sobre o comportamento dos cidadãos. Das diferentes seções dos jornais, as páginas de anúncios eram vitrines de papel: produtos, valores e hábitos relacionados a essa nova vivência estavam ali estampados. Diamantina e Juiz de Fora, cidades-pólo em Minas Gerais, geograficamente distantes e economicamente distintas, permitem avaliar a relação entre o discurso comum da “cidade civilizada”, e suas interações com as realidades urbanas regionais.

### **Palavras-chave**

Imprensa; anúncios; Belle Époque; Diamantina, MG; Juiz de Fora, MG.

### **Abstract**

*The Belle Époque period set forth notions and concepts about progress and civilization, urban space being its most visible synthesis, mainly in underdeveloped countries. The press played a distinguished role propagating these urban concepts, emphasizing the city dwellers' behavior. Among the different sections of newspapers, the ads pages were store windows: goods, values and habits related to this new life were stamped there. Diamantina and Juiz de Fora, “regional capitals” within Minas Gerais, geographically distant and economically distinct, allow us to evaluate the relation between the common speech regarding the “civilized city”, and its interactions with regional urban reality.*

### **Keywords**

*Press, ads, Belle Époque; Diamantina, MG; Juiz de Fora, MG.*